



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS ERECHIM
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LETÍCIA SUÉLEN ADRICHEN MASSMANN

**O ESPAÇO ALFABETIZADOR: A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS
ESCOLARES EM UM MUNICÍPIO DO ALTO URUGUAI**

ERECHIM
2017

LETÍCIA SUÉLEN ADRICHEN MASSMANN

**O ESPAÇO ALFABETIZADOR: A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS
ESCOLARES EM UM MUNICÍPIO DO ALTO URUGUAI**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

Orientadora: Prof. Ma Flávia Burdzinski de Souza

ERECHIM

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Massmann, Letícia Suélen Adrichen

O ESPAÇO ALFABETIZADOR: A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES EM UM MUNICÍPIO DO ALTO URUGUAI/ Letícia Suélen Adrichen Massmann. -- 2017.

83 f.:il.

Orientador: Ma. Flávia Burdzinski de Souza.

Co-orientador: Ma. Flávia Burdzinski de Souza.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Pedagogia , Erechim, RS , 2017.

1. Alfabetização . 2. Letramento . 3. Espaço escolar
. 4. Organização dos espaços . 5. Planejamento do
professor . I. Souza, Ma. Flávia Burdzinski de, orient.
II. Souza, Ma. Flávia Burdzinski de, co-orient. III.
Universidade Federal da Fronteira Sul. IV. Título.

LETÍCIA SUÉLEN ADRICHEN MASSMANN

**O ESPAÇO ALFABETIZADOR: A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES EM
UM MUNICÍPIO DO ALTO URUGUAI**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

Orientadora: Prof. Ma Flávia Burdzinski de Souza

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA



Profª Ma. Daniele Vanessa Klosinski (Faculdade Anglicana de Erechim - FAE)



Profª Dra. Zoraia Aguiar Bittencourt (Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS)

Profª. Ma Flávia Burdzinski de Souza

Dedico este trabalho à minha família, em especial ao meu marido Jean Carlos Massmann que sempre esteve junto a mim em todos os momentos difíceis incentivando e apoiando todas as minhas decisões, dando também, muita coragem para que eu pudesse enfrentar todos os desafios em busca da conclusão de mais essa etapa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter essa possibilidade durante toda a formação acadêmica de conhecer pessoas incríveis, como as minhas amigas que sempre estiveram do meu lado e aos professores dessa instituição que contribuíram significativamente para que todo esse processo fosse alcançado e vivido da melhor maneira possível.

A minha família, ao meu marido Jean Carlos Massmann que sempre esteve do meu lado me apoiando e incentivando para que pudesse passar por todas as etapas dessa formação, a você só tenho a dizer: Muito Obrigado! Sem você eu não iria conseguir. A minha mãe Marlene Rauch Adrichen, a minha sogra Lenita Fátima Massmann e meu sogro Marcos Massmann pelo companheirismo, afeto e apoio incansável.

A esta universidade e principalmente aos professores, por ter me proporcionado momentos de reflexão, estudo, debates e leituras. Certamente tudo esse processo acadêmico foi de suma importância para o meu crescimento acadêmico e intelectual.

Agradeço também a minha orientadora Prof^a Ma Flávia Burdzinski de Souza, que, ao longo do Trabalho de Conclusão de Curso, esteve sempre disposta a me auxiliar em todo o processo da escrita e da elaboração desse trabalho, passando pelos primeiros encontros e escritas do Projeto até a concretização desse trabalho. Sou grata por tudo que você me ensinou e proporcionou durante esse processo, tenho certeza que todos os ensinamentos aprendidos a partir desse trabalho serão levados para a minha formação profissional.

Por fim, só tenho a dizer Muito Obrigado do fundo do meu coração a todas as pessoas citadas até aqui, vocês foram importantíssimas para que eu pudesse concretizar esta etapa de formação acadêmica.

Quando se tira da criança a possibilidade de conhecer este ou aquele aspecto da realidade, na verdade está alienando-a da sua capacidade de construir seu conhecimento. Porque o ato de conhecer é tão vital para comer ou dormir, e eu não posso comer ou dormir por alguém.

Madalena Freire

RESUMO

O presente trabalho tem como tema central para essa discussão a organização dos espaços escolares na alfabetização, pois acredita-se que os espaços escolares contribuem significativamente para a aprendizagem da leitura e da escrita. Busca-se por meio dessa pesquisa refletir sobre as contribuições do espaço escolar para o processo de alfabetização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Desse modo, primeiramente buscou-se conceituar o que seria alfabetização, letramento e espaços escolares, analisando as relações presentes entre essas três categorias, por meio da discussão das diferentes formas de organizar o espaço escolar, que propiciem a construção, junto com a criança, de um ambiente alfabetizador que possibilite o desenvolvimento de uma prática pedagógica significativa, contextualizada, interacionista e reflexiva. O trabalho apresenta o meio escolar como um espaço de criação, imaginação, de construção de conhecimento, conceituando a criança como sujeito principal da prática educativa, a aprendizagem nesse caso acontece com a criança e não para a criança, o que é necessário que a criança compreenda o uso da linguagem escrita no meio social, com isso, a alfabetização não ocorre a partir da memorização, mas do entendimento da sua função social na sociedade (letramento), o que exige participação e ação no processo educativo. Essa pesquisa tem uma abordagem qualitativa, com utilização de pesquisa bibliográfica sobre o tema e de uma pesquisa de campo com produção de dados a partir do uso de fotografias dos diferentes espaços escolares de um município da região do Alto Uruguai do Estado do Rio Grande do Sul. A análise das fotografias possibilitou perceber a organização das salas de aula, as concepções educacionais e a apropriação da criança dos diferentes espaços escolares. Por fim, no que diz respeito às contribuições, acredito que o material produzido por essa pesquisa demonstra a importância e as potencialidades a partir da organização dos espaços educativos escolares para o desenvolvimento de uma alfabetização com sentido e significado.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Ambiente alfabetizador; Espaços escolares.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ESCOLHAS METODOLÓGICAS	13
2 ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS	16
2.1 ALFABETIZAÇÃO: ASPECTOS HISTÓRICOS	16
2.2 ASPECTOS CONCEITUAIS DA ALFABETIZAÇÃO NA ATUALIDADE	22
2.3 ALFABETIZAR E LETRAR: PRÁTICAS POSSÍVEIS	28
3 ESPAÇOS ESCOLARES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	34
4 TEMPOS E OS ESPAÇOS ALFABETIZADORES DE CRIANÇAS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	43
4.1 O USO DE DIFERENTES ESPAÇOS EXTERNOS: PÁTIO, CORREDOR, PARQUE, QUADRA E ENTRADA DA ESCOLA	44
4.2 ANALISANDO OS AMBIENTES INTERNOS: BIBLIOTECAS, LABORATÓRIOS E REFEITÓRIOS	50
4.3 ESPAÇOS E TEMPOS PRESENTES NA SALA DE AULA	57
4.4 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: JOGOS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NA SALA DE AULA	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	78
APÊNDICE	81

INTRODUÇÃO

A forma como algumas escolas organizam os espaços escolares, muitas vezes, não proporcionam um ambiente rico para desenvolver os processos de alfabetização e letramento. As crianças e adolescentes que frequentam a escola, muitas vezes não se sentem parte da mesma, pois nas paredes da escola não possui a sua marca (trabalhos) e a sua identidade pessoal.

Em muitas escolas, e em cursos de formação de professores na área da alfabetização convencionaram-se que um ambiente alfabetizador ideal seria aquele que possui cartilhas, cartazes com alfabeto e famílias silábicas, figuras ilustrativas, aliando-se aos livros didáticos e concepções tradicionais de ensino.

A partir das observações que foram realizadas no decorrer da formação acadêmica do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - *Campus* Erechim, sejam elas realizadas por meio do Estágio na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ou pela participação no Subprojeto do Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência (PIBID¹) – Pedagogia, pude perceber e analisar como o espaço físico escolar é pouco explorado pelos professores e pelos alunos.

As práticas realizadas no Ensino Fundamental, muitas vezes tornam o ambiente escolar distante da criança, por priorizarem a mecanização e memorização, aspectos que ficam evidentes quando analisamos o espaço escolar, como as salas de aula, os banheiros, os refeitórios, os corredores e as demais dependências da escola. Estes espaços não são organizados para proporcionar a aprendizagem, mantendo o processo pedagógico restrito ao uso do livro didático, de folhas impressas, de atividades repetitivas, de treinos e cópias.

Para desenvolver o processo de alfabetização e letramento de maneira significativa, é necessário que o professor pense também na organização dos espaços escolares, a fim de promover uma maior interação com as crianças e os objetos de conhecimento, que são a leitura e a escrita. Deste modo é possível organizar materiais pedagógicos de maneira acessíveis as crianças e promover mais situações envolvendo a autonomia, como por exemplo, os cantos da leitura, esses espaços servem para potencializar o desenvolvimento e a apreciação da leitura escolar.

Também nos cursos de formação acadêmica, a discussão sobre a organização dos espaços para a docência no ensino fundamental é pouco analisada e estudada, algumas

¹ Esse programa foi criado pelo Decreto Nº 7.219, de 24 de Junho de 2010, esse programa oferece bolsas aos acadêmicos durante o curso de formação, tendo como objetivo oportunizar a iniciação a docência aos estudantes com o meio escolar, realizando uma articulação entre a teoria e a prática.

disciplinas trabalham com a conceituação do espaço escolar apenas para a área da Educação Infantil, esquecendo com isso, de discutir meios e formas de organizar os espaços escolares para o desenvolvimento das demais etapas da educação básica. Outra premissa que justifica essa pesquisa.

Nesta perspectiva, este Trabalho de Conclusão de Curso *O espaço alfabetizador: a organização dos espaços escolares em um município do Alto Uruguai*, busca compreender a importância de se pensar e estruturar um espaço alfabetizador, com a finalidade de entender como se dá o processo de alfabetização nos primeiros anos do ensino fundamental, considerando os processos de alfabetização e letramento e analisando as influências que o espaço escolar possui dentro desse processo de aprendizagem escolar.

Este trabalho desenvolveu-se com o objetivo de refletir sobre as contribuições dos espaços escolares para o processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental. O problema que originou esta pesquisa esteve centrado em averiguar de que maneira os espaços dos anos iniciais do ensino fundamental contribuem para o processo de alfabetização das crianças e como a escola organiza seus espaços para assim, proporcionar vivências significativas e efetivas de alfabetização.

O trabalho se divide em quatro capítulos. Inicialmente são apresentados os caminhos metodológicos percorridos para desenvolver a pesquisa. Posteriormente é realizada uma discussão sobre a *alfabetização escolar: aspectos teóricos, históricos e conceituais*, apresentando aspectos relevantes sobre os acontecimentos históricos envolvendo a prática da alfabetização, apresentando também os métodos de alfabetização que foram usados ao longo dos tempos, refletindo sobre suas influências, sobre as suas metodologias, suas práticas pedagógicas e a sua aplicação nas escolas de Ensino Fundamental. Dessa forma, para aprofundar a reflexão sobre esse tema, é necessário compreender os processos históricos, como eles surgiram e sua relevância ao campo educacional.

Logo após esse contexto histórico sobre a alfabetização, são debatidas algumas práticas de alfabetização analisando os aspectos conceituais da alfabetização na atualidade, pontuando o que mudou e o que se manteve ao longo desse período. Buscou-se mostrar como ocorre a interação das crianças a partir da visão construtivista, a qual leva em consideração o sujeito principal do processo escolar que nesse caso é a criança, e, por fim, é discutida uma alfabetização que vai além do processo de codificação e decodificação da palavra, o que exige pensar no letramento escolar e nas possibilidades e métodos para conseguir: “Alfabetizar letrando” dentro do processo da alfabetização.

Já no capítulo 3, *espaços escolares nos anos iniciais do ensino fundamental* são apresentadas as principais características que envolvem o espaço e o ambiente escolar, buscando discutir formas de organizar os espaços escolares, a fim de contribuir com as práticas escolares de alfabetização. Apontam-se também as possibilidades e as ações que o professor poderá utilizar para dar mais significação e sentido ao trabalho pedagógico.

O quarto capítulo realiza a análise dos dados que foram produzidos a partir de fotografias registradas em escolas de um município da região do Alto Uruguai do estado do Rio Grande do Sul. Os contextos que aparecem nas fotografias são discutidos com diferentes autores e pensadores do campo educacional, afirmando a importância de se pensar a organização dos espaços escolares no processo de alfabetização.

Nas considerações finais, baseada na pesquisa e na análise dos dados (fotografias) juntamente com a reflexão e estudo teórico de alguns autores, serão evidenciadas as conclusões a partir do estudo sobre a alfabetização, letramento e espaço escolar. Procurou-se desenvolver as reflexões construídas com essa pesquisa no confronto com a realidade escolar.

Neste sentido, a partir desse Trabalho de Conclusão de Curso, procura-se evidenciar as práticas pedagógicas envolvendo a alfabetização, analisando as contribuições da organização do espaço escolar para a efetivação de um ambiente alfabetizador rico em possibilidades e potencialidades de interação entre as crianças, com o professor e com os materiais disponíveis.

1 ESCOLHAS METODOLÓGICAS

A construção de um trabalho exige o uso de um caminho metodológico, um modo de organizar o percurso para desenvolver a pesquisa, abordando o objeto de estudo que foi delimitado ao se construir uma problemática de pesquisa para fomentar a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

A metodologia orienta as ideias iniciais, teóricas e práticas da pesquisa, sendo essa um conjunto de ações que resultará na construção e análise de uma dada realidade pesquisada. Com isso, ela não é apenas contempla fase de exploração de campo, mas de estudo, de análise e de construção de estratégias de pesquisa.

Para realização desse trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, procurando debater, confrontar e estudar diferentes autores que falam sobre a alfabetização e o letramento, a partir de práticas pedagógicas de organização dos espaços e tempos escolares. Posteriormente, no quarto capítulo, foi realizada uma pesquisa de campo, com produção de dados a partir de fotografias a fim de contextualizar e refletir sobre a organização dos espaços alfabetizadores em um município do Alto Uruguai. Deste modo utilizou-se também de uma pesquisa documental.

A autora Maria Cecília de Souza Minayo (2010, p.47) define a pesquisa como:

Defino Pesquisa como a atividade básica de construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino. Pesquisar constitui uma atitude e uma prática teórica de constante busca e, por isso, tem a característica do acabado provisório e do inacabado permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados, pensamento e ação.

Corroborando com as ideias da autora, compreende-se que a pesquisa alimenta o processo de estudo, enriquece a atividade de ensino e atualiza a realidade do mundo, com isso ela é definida como pensamento e ação, é por meio da pesquisa que nós confrontamos diferentes realidades com os estudos teóricos, colocando e estudando diferentes estudos teóricos e diferentes realidades e práticas, portanto os estudos teóricos só serão compreendidos se forem estudados e confrontados com a prática social. “Nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar ou interpretar todos os fenômenos e processos” (MINAYO, 2012, p. 16).

Ou seja, na teoria os fatos e a realidade não são totalmente transparentes, a prática é sempre mais rica em detalhes e mais complexa do que o nosso limitado saber e conhecimento.

A prática científica observa, analisa e estuda determinado aspecto da realidade realizando várias conexões com o contexto, com a realidade, com as características e as significações de determinado estudo. Contudo, a pesquisa só será bem sucedida se o pesquisador tiver um apoio adequado da metodologia que permitirá a aproximação do objeto de estudo (MINAYO, 2012).

Uma das principais características existentes na Pesquisa Qualitativa é o aprofundamento dos significados. Longe de ser somente um emaranhado de perguntas e indagações é por meio dela que observamos uma realidade que não está visível ao nosso olhar, ela precisa necessariamente ser exposta e ser interpretada pelos pesquisadores. Para que o estudo seja desenvolvido da melhor maneira possível à curiosidade do pesquisador deve ser o ponto chave da pesquisa. Ele tem que se sentir motivado, interessado e disposto a analisar e estudar o tema que lhe foi proposto.

Foi por meio da curiosidade e necessidade da acadêmica que originou esse tema de pesquisa, procurando-se pensar diferentes formas de organizar os espaços escolares. O problema que originou essa pesquisa buscou refletir de que maneira os espaços dos anos iniciais do ensino fundamental contribuem para o processo de alfabetização das crianças? Como a escola organiza seus espaços para proporcionar vivências significativas e efetivas de alfabetização?

Em meio a isso, essa pesquisa de campo analisou diferentes espaços presentes na escola, por meio da observação e do uso da fotografia, de diferentes espaços, como as salas de aula, o refeitório, a biblioteca, o pátio, o parquinho da escola, a quadra de esporte, os corredores, a área coberta, entre outros.

Portanto, a pesquisa que foi realizada nesse Trabalho de Conclusão de Curso embasou-se em uma pesquisa de campo, envolvendo uma abordagem qualitativa (MINAYO, 2012). Foram registrados por meio de fotografias diferentes espaços escolares alfabetizadores, de várias escolas de um dado Município da Região do Alto Uruguai. Após a produção das fotografias elas foram analisadas e estudadas para assim compreender o trabalho desenvolvido pelos professores no espaço escolar em turmas de alfabetização. As escolas participantes autorizaram a produção das fotografias através de assinatura da Declaração do uso de imagens², que se encontra em poder da pesquisadora. Por questões éticas, será mantido o anonimato das escolas, assim serão nomeadas como Escola A e Escola B.

² O modelo da declaração usada encontra-se no apêndice deste trabalho.

Dessa forma, primeiramente serão realizadas e discutidas aspectos teóricos e bibliográficos de alguns autores e pensadores na área de educação que abordam os temas da alfabetização, do letramento, do espaço escolar, planejamento, entre outros.

O referencial teórico fornece uma base dos conceitos iniciais, realizando uma classificação, estudo e escolha dos dados a serem debatidos e apresentados pelo pesquisador no seu estudo. O pesquisador então deve fazer uma classificação inicial de acordo com as categorias teóricas já realizadas anteriormente sobre o assunto escolhido, realizando leituras e apontamentos para serem utilizados na estruturação do trabalho (LÜDKE; ANDRÉ, 2012).

No quarto capítulo, serão realizadas as reflexões sobre a produção dos dados obtidos nessa pesquisa, por meio da análise das fotografias produzidas na pesquisa de campo. Dessa forma, segundo a autora Minayo:

O trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os ‘atores’ que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social (2012, p. 61).

Por fim, na produção dos dados serão observados o caráter qualitativo presentes nessas fotografias, procurando ficar atento aos detalhes, aos métodos, a forma como o professor organiza, planeja e estrutura as suas aulas para alfabetização e letramento infantil. Não se tem a pretensão de julgar ou avaliar os locais observados, mas sim refletir sobre o modo como os espaços se tornam potentes para o processo de construção da linguagem escrita.

No próximo capítulo serão discutidas juntamente com alguns autores a alfabetização e o contexto histórico envolvendo os diferentes métodos de alfabetização e as técnicas utilizadas pelos professores ao longo dos tempos.

2 ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS

Nos últimos anos muitas são as discussões e estudos no campo da alfabetização escolar. Algumas teorias foram estudadas, reformuladas e criadas para assim buscar um melhor entendimento sobre as diferentes formas de utilização do espaço escolar. Para que o meio escolar se torne um espaço alfabetizador devemos pensar práticas, estudar diferentes teorias e preposições buscando sempre o sucesso escolar.

A alfabetização escolar foi sofrendo muitas transformações tanto na sua base estrutural, quanto na sua forma pedagógica. Para a autora Suzana Schwartz (2016, p. 55), por muito tempo se “acredita que o professor é o detentor do saber, que o conhecimento é acabado, e que para que o outro aprenda é preciso de alguém (que sabe) o transmita”. Dessa forma, a criança não era a sujeito principal do processo de ensino e aprendizagem, mas sim o professor que continha todo o saber.

Outra autora e pesquisadora no âmbito educacional é Madalena Freire (1983, p. 15) que em uma de suas obras afirma que “o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir, e eu não posso comer ou dormir por alguém. A escola em geral tem essa prática, a de que o conhecimento pode ser doado, impedindo que a criança e, também os professores o construam”. Essa duas autoras nos mostram o como é importante o bom planejamento e o estudo por parte do professor e da escola em relação as suas metodologias e suas concepções educacionais pedagógicas.

Compreendendo isso, no decorrer desse trabalho serão discutidas algumas abordagens teóricas referentes à Alfabetização, o Letramento e o Espaço Escolar, buscando também dialogar com outros autores e pensadores desse campo de estudo.

Para início será discutido os aspectos históricos e conceituais existentes no decorrer na história da alfabetização escolar, procurando apresentar alguns fatos mais importantes para que possamos ter clareza das transformações históricas perante a alfabetização escolar. Para isso o texto tem como base o estudo de autores como: Freire (1983), Albuquerque (2007), Frade (2007), Cagliari (2009), Mortatti (2000), Gomes (2001), entre outros.

2.1 ALFABETIZAÇÃO: ASPECTOS HISTÓRICOS

Compreender o processo de alfabetização das crianças é fundamental para a formação do professor, além de refletir sobre as diferentes caminhadas metodológicas e educacionais

existentes ao longo de todo o período educacional brasileiro. Ao longo do processo histórico, muitos estudos e análises foram sendo construídas acerca do tema, de início as pesquisas mostravam uma preocupação muito grande em “como” se deve desenvolver o processo de alfabetização escolar, como ensinar a ler e escrever.

Analisar essas diferentes práticas históricas, sobre a alfabetização escolar ao longo dos anos, é fundamental para conseguirmos compreender os aspectos teóricos e práticos executados ao longo do tempo nas escolas. Conseguindo também identificar as marcas históricas atrás das vertentes pedagógicas elaboradas e conduzidas ao longo do tempo pelos professores no meio educacional. Com isso, ao longo será evidenciado as principais marcas e características de algumas metodologias utilizadas historicamente para a alfabetização das crianças.

Uma prática escolar que ficou enraizada por muito tempo no campo educacional e nas práticas metodológicas dos educadores e das instituições do ensino foi à marca de uma visão Tradicional usada para alfabetizar as crianças, em que se buscavam formas, métodos e modelos eficazes de como ensinar a ler e escrever. O saber da criança não era valorizado, os seus conhecimentos prévios não eram valorizado, nem tão pouco a sua bagagem social e cultural das suas vivências cotidianas (ALBUQUERQUE, 2007).

A escola, com isso, foi formando seu papel conservador e reproduzidor. O professor era considerado um ser superior em todo o processo de ensino e aprendizagem, ele não era um mediador no processo de aprendizagem, mas sim o sujeito principal do processo, aquele que trazia consigo todo o “conhecimento necessário” para que o aluno pudesse aprender. Os alunos deste modo eram simples expectadores do processo de aprendizagem, para eles era destinada a função de copiar, memorizar, decorar os conteúdos já estruturados dentro do processo educativo. Quando o professor priva a criança de conhecer e desenvolver o seu próprio conhecimento e reflexão ele está podando a capacidade do sujeito de construir coisas novas, conhecimentos significativos e práticas reflexivas.

Ao longo de toda a história da alfabetização, mais especificamente por volta do século XIX, à alfabetização eram realizadas a partir de dois métodos, também considerados como marchas de alfabetização: o sintético e o analítico. Segundo a autora Isabel C. A. da Silva Frade (2007, p.22):

Os métodos sintéticos seguem a marcha que vai das partes para o todo. Na história dos métodos sintéticos temos a lição de princípios organizativos diferenciados que privilegiam a decoração de sinais gráficos e as correspondências fonográficas. Essa tendência compreende o *método alfabético*, que toma como unidade a letra; o

método fônico que toma a unidade o fonema e o *método silábico* que toma como unidade um segmento fonológico mais facilmente pronunciável, que é a sílaba.

Essa marcha sintética buscava trabalhar a alfabetização partindo da parte para o todo. No método alfabético o ensino iniciava começando a explorar as letras do alfabeto, na ordem de “complexidade”, ou seja, primeiro as vogais e depois as consoantes de maneira isolada. No método fônico o ensino estava centrado no som das letras: “Cada letra (grafema) é aprendida como um fonema (som) que junto com o fonema, pode formar sílabas e palavras” (FRADE, 2007, p. 23). E no método silábico o ensino estava centrado a partir das sílabas, eram passadas as crianças um estudo conhecido como “*silabários*” que continham um número infinito de combinações de sílabas. A estratégia utilizada pelo professor era a memorização da sílaba sendo um processo de repetição para que a criança conseguisse decorar.

Neste processo a alfabetização partia da ideia do mais “fácil” para o mais “difícil”. Envolvendo a memorização do alfabeto, ou dos sons, ou das sílabas, chegando à escrita e à leitura das palavras, de frases e de textos mais complexos e difíceis. Para o autor Luis Carlos Cagliari (2009, p. 26): “O mais antigo (até a Cartilha maternal) foi chamado de método sintético. Partia-se do alfabeto para a soletração e silabação, seguindo a ordem hierárquica crescente de dificuldades, desde a letra até o alfabeto”.

A marcha analítica faz a operação inversa do sintético, partindo assim do todo para as partes, procurando romper com a origem da decifração. Para o procedimento das atividades são confeccionados cartões de fixação, compostas por palavras de um lado e imagem do outro, utilizando também exercícios sinestésicos procurando ensinar o movimento da escrita. Sendo assim:

Esses métodos tomam como unidade de análise a palavra, a frase e o texto e supõem que baseando-se no reconhecimento global estratégico inicial, os aprendizes podem realizar posteriormente um processo de análise de unidade que dependendo do método (global de contos, sentencição ou palavração) vão do texto à frase, da frase à palavra, da palavra à sílaba (FRADE, 2007, p. 26).

Ao participar do Subprojeto do curso de Pedagogia, Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), pude participar e observar por um ano uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental. A professora regente utilizava em sua metodologia de ensino essas mesmas marchas de alfabetização. Procurava passar para as crianças exercícios de repetição, em que as crianças repetiam e “cantavam” várias vezes as sílabas (ma – me – mi – mo - mu). É por isso que muitos professores não veem outra saída para ensinar a ler escrever. Logo após ela escrevia no quadro aleatoriamente palavras que comessem com a letra M (mesa, mãe,

madeira) pedindo para que os alunos escrevessem as mesmas em seus cadernos. Em relação a este procedimento, Cagliari afirma que: “A progressão, no método do bá – bé – bi- bó – bú, é rigorosa, e o aluno só faz algo segundo um modelo preestabelecido, até dominar o exercício, passando então para à lição seguinte” (CAGLIARI, 2009, p. 115).

As crianças apresentavam muitas dificuldades em conseguir juntar as letras e entender que elas estavam formando uma palavra. Essa marcha sintética e qualquer outra marcha buscam ensinar as crianças em um processo mecânico, repetitivo, cansativo e pouco atrativo, pois não dão sentido e significado aquilo que se escreve, deste modo pouco se relacionam com os aspectos da função da linguagem escrita.

Outra autora que traz uma rica contribuição para essa discussão é a autora Ana Luiza Bustamente Smolka (2012, p. 21), que, em uma de suas obras, afirma que:

A alfabetização, na escola, contrasta violentamente com as condições de leitura e escrita, movimentação e saturação de estímulos sonoros e visuais fora da escola. A leitura e a escrita produzidas pela/na escola pouco tem a ver com as experiências de vida e de linguagens das crianças. Nesse sentido, é estéril e estática, porque baseada na repetição, na reprodução, na manutenção dos *status quo*. Funciona como um empecilho, um bloqueio à transformação e à elaboração do conhecimento crítico.

Portanto, esse tipo de alfabetização priva a capacidade crítica da criança, ela limita as possibilidades de construção do saber, alienando a mente e engessando os corpos a sempre repetir, memorizar e a reproduzir sempre os mesmos conhecimentos (FREIRE, 1983). Quando a criança cumprir então com os objetivos iniciais da alfabetização, que nesse caso é a leitura e a escrita, ela passará para o próximo nível, não dando a criança a possibilidade de fazer ou pensar diferente em relação aos ensinamentos transferidos pelos professores.

Nessas observações do PIBID, pude analisar que algumas crianças se sentiam angustiadas, muitas choravam por não conseguirem formar as palavras de forma correta. Sendo assim, a leitura de palavras soltas e sem contexto e significação se tornava algo exaustivo, mostrando assim que, quando a alfabetização é ensinada pelo professor de forma descontextualizada, ela acaba se tornando muito mais difícil para a criança e para o professor, que acaba notando e reclamando que as crianças não estavam conseguindo aprender.

O fracasso escolar, a partir da visão tradicional, põe a culpa da falta de compreensão e não aprendido na criança. Ela se torna responsável por não conseguir compreender o processo de leitura e escrita. Esse tipo de tratamento com as crianças pode fazer com que elas regridam ainda mais no entendimento do processo de entender as letras, a escrita e a leitura. “A maioria de nós, que passamos pela alfabetização até as décadas finais do século passado,

também teve uma experiência escolar com ênfase na ‘codificação e ‘decodificação’” (ALBUQUERQUE, 2007, p.12).

Com isso, algumas crianças que passaram por essas situações tiveram uma experiência muito traumatizante de alfabetização na escola. Os professores muitas vezes forçavam as crianças a ler e escrever na base da memorização da palavra, no treinamento e na repetição de modelos. Segundo os autores Lourdes Furlanetto Dittirch e Amândia Maria de Borba (2007, p. 119):

O principal instrumento de alfabetização nesses métodos são as ‘cartilhas’, que não levam em conta o ritmo individual dos alunos, nem as suas experiências anteriores, impedindo, muitas vezes, a liberdade de pensar e agir do aluno e do professor. Seguem a sequência arbitrária das lições indicadas nesse material. O professor, então, prepara exercícios de fixação das sílabas estudadas e avalia o desempenho dos alunos com ditados, leitura de palavras e análise estética da palavra cursiva. As lições priorizam a montagem silábica em detrimento da informação dos ‘textos’, com frases soltas e sem sentido, listas de palavras para o aluno repetir oralmente e por meio de ‘treinos’, além de exercícios de completar e seguir modelos.

Sendo assim, o papel do professor e do aluno é reduzido significativamente, o professor cabe somente o papel de reproduzir o conteúdo a ser aprendido e ao aluno cabe reconhecer os elementos gráficos em uma assimilação passiva, oferecendo aos alunos algo pronto e acabado para apenas reproduzir os modelos.

Esse modo e processo de alfabetização se tornou em algumas escolas algo desastroso, pois a criança não conseguia internalizar a palavra, não havendo espaço para o erro e para a frustração, a criança só passava adiante se ela conseguisse aprender a primeira letra e assim por diante. O erro não tem vez nesse contexto de aprendizagem, se aluno cometer algum tipo de engano ou erro ortográfico, logo é apagado e escrito à palavra de forma correta. Com isso, os alunos geralmente que passam por esse tipo de prática apresentam cadernos com poucos erros ortográficos (CAGLIARI, 2009).

Para sistematizar o ensino desses métodos, durante muito tempo foram produzidas “Cartilhas de Alfabetização”, essas apresentavam formas prontas e modelos a serem seguidos no processo educativo. A maioria das cartilhas apresentava o uso dos métodos da marcha sintética (soletração e silabação). Segundo a autora Maria do Rosário Longo Mortatti (2000, p. 43) “Quanto a escrita, esta restringia-se à caligrafia e seu ensino, à copia, ditados e formação de frases, enfatizando-se a ortografia e desenho correto das letras”.

Com o tempo as cartilhas foram mudando de forma passando a conter outros métodos de alfabetização. As cartilhas produzidas no século XX passaram a se basear no método da

marcha analítica de alfabetização (palavração e sentencição). Sendo assim, para a autora Maria do Rosário Longo Mortatti (2000, p. 44):

Uma nova discussão de criança – de caráter psicológico – passa a embasar a discussão sobre o método de ensino de leitura (e da escrita). Empreendida por educadores, essa discussão prioriza questões didáticas, ou seja, o *como ensinar*, com base na definição das habilidades visuais, auditivas e motoras do aprendiz.

Contudo, nos dias atuais, não vemos mais tanto o uso de cartilhas, no processo de alfabetização. Mas segundo o autor Luis Carlos Cagliari (2009), a prática escolar dos dias atuais, ainda está muito atrelada ao método que existia nesses cadernos, o que mudou segundo ele, é que antes esses livros já vinham prontos para o professor agora ele próprio e faz na preparação dos seus planos de aula.

Porém nem tudo está perdido, hoje em dia existem muitos cursos de formação com qualidade teórica e prática, apresentando para os futuros professores diferentes estratégias de ensino na alfabetização escolar. Também, alguns professores que já atuam na área escolar buscam a qualificação e formação continuada. Sendo esses imprescindíveis para se desenvolver uma prática educativa de qualidade.

Deste modo, cada vez mais podemos perceber que as escolas buscam desenvolver no seu dia a dia, uma alfabetização todos os alunos possam aprender, acreditando na capacidade dos alunos, incentivando-os a partir dos seus erros e buscando formas diferenciadas caso os alunos não estejam entendendo o processo de aprender. Aprender a ler e escrever deve ir muito além ao simples fato de decodificar e codificar a palavra, sendo assim, a criança necessita entender a necessidade e o uso da escrita e da leitura em sua vida social.

Assim sendo, aprender a ler e escrever, por exemplo, é muito mais que adquirir habilidades básicas. É principalmente construir, obter e atribuir sentido e significado a aprendizagem. Ou seja, em lugar das habilidades básicas, devemos considerar as atividades básicas, nas quais o que se percebe são os usos funcionais da linguagem, que sejam relevantes e significativos, o que implica ver a linguagem como uma totalidade (GOMES, 2001, p. 24).

Mudar por completo a forma de se pensar o processo da alfabetização ainda é um desafio, pois existem alguns professores que aprenderam nos seus cursos de formação a ensinar as crianças da forma tradicional. Esses professores defendem o uso das marchas (sintético e analítico) de alfabetização acreditando serem mais eficazes no processo de alfabetização.

Na próxima seção serão discutidas diferentes perspectivas e formas de se pensar a alfabetização escolar, analisando esse processo a partir do conceito do construtivismo elaborado e defendido pelo autor Jean Piaget e pelas autoras Emilia Ferreiro e Ana Teberosky em sua obra *Psicogênese da Língua Escrita* (1999). Procurando também conceituar a Alfabetização dentro do processo Construtivista.

2.2 ASPECTOS CONCEITUAIS DA ALFABETIZAÇÃO NA ATUALIDADE

O processo de alfabetização, segundo o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), compreende a faixa etária que vai dos 6 aos 8 anos de idade. Defende assim, uma alfabetização escolar que priorize jogos e brincadeiras, pois a ludicidade deve ser explorada e fazer parte de todo o processo. Sendo assim:

Dessa forma, é importante promover atividades estimulantes e desafiadoras, com o que se pretende ensinar. Assim, na tentativa de amenizar o problema, as atuais perspectivas de ensino-aprendizagem de diferentes áreas do conhecimento passaram a utilizar as atividades lúdicas, os jogos, os brinquedos e as brincadeiras, como recursos pedagógicos da relação ensino-aprendizagem. A maioria das escolas de Ensino Fundamental no Brasil, sejam da rede municipal, estadual ou federal de ensino, dispõe de um rico acervo de materiais pedagógicos, jogos e livros, principalmente as escolas inseridas no PDE-Escola, as quais receberam e recebem a maioria desses acervos por meio de políticas públicas (BRASIL, 2015, p. 29-30).

Esta colocação nos põe a pensar na defesa de uma escola que possa disponibilizar e potencializar práticas pedagógicas que promovam o prazer de aprender, de conhecer e de reinventar, sendo propostas pelas novas políticas educacionais.

O educador assume um papel muito importante no processo de ensino e aprendizagem com um caráter mais de mediador dos aspectos conceituais da aprendizagem. Primeiramente devemos pensar como iremos criar um ambiente alfabetizador capaz de desenvolver no sujeito a capacidade de ler e escrever indo além desse processo e conseguindo interiorizar essa aprendizagem para o seu meio social?

Um ambiente-alfabetizador trabalha com os fracassos, com as diferenças e com as dificuldades de aprendizagem que irão acontecer durante esse processo. O professor necessita ter um olhar muito apurado quanto às necessidades que as crianças irão apresentar. Segundo a autora Madalena Freire (1983, p. 70):

Desta maneira o papel do professor na alfabetização é de quem organiza os dados para que as crianças se apropriem do seu descobrir, inventar as palavras. Nesse

sentido, o professor não alfabetiza a criança. Ele propicia organizadamente o 'espaço' para que ele se 'alfabetize'. Assim cada vez mais virando sujeito no processo da alfabetização, ele vai criando a sua capacidade de ler as palavras na crescente compreensão do mundo em volta.

As técnicas de alfabetização existem e são utilizadas em algumas escolas, como os métodos fônico e silábico, o que devemos ter a consciência ao utilizá-los é que só eles não bastam para a aprendizagem plena da criança. Existem técnicas e aspectos que são necessários ao aprendizado da escrita, como reconhecer os sons das letras, compreender a formação silábica, porém é necessário utilizar outras práticas de alfabetização, que levem a criança a entender além desse processo.

Deste modo, não existe nenhuma formula, técnica, ou uma receita pronta para que as crianças compreendam os conteúdos ou assimilem o processo da alfabetização a partir do processo da leitura e da escrita. O professor-alfabetizador também trabalha com conhecimentos significativos, com palavras que são utilizadas pelas crianças no seu dia a dia. A prática pedagógica escolar deve ser pensada para satisfazer as necessidades das crianças, procurando dar significação e contexto com a vida social da criança.

Uma prática pouca utilizada pelos professores são a organização dos espaços/cantos de leitura na sala de aula ou até mesmo em outros lugares como a biblioteca, ou uma área coberta que é pouca utilizada pela escola. Um canto de leitura desde que ele seja aconchegante composto de tapetes, de almofadas, colchonetes, muitos livros e diversidade de gêneros textuais, irá se tornar assim, um ambiente propicia para a alfabetização.

Esses cantos também podem ser previamente estruturados pelo professor, mas o conteúdo de leitura poderá ser escolhido pelas crianças, muitas crianças gostam de ler gibis, revistas, livros infantis, livros de contos de fada, entre outros. "É a tarefa de selecionar, reunir e elaborar os materiais e o equipamento e colocá-los no ambiente para que as crianças tenham acesso direto aos mesmos" (ZABALZA, 1998, p. 265).

Com isso, um espaço escolar só se tornara um ambiente-alfabetizador quando a criança se apropriar de todos os espaços, tendo uma aprendizagem significativa e contextualizado a sua vida, ensinando-as para além da codificação e decodificação da palavra, buscando o letramento escolar. Na próxima seção serão evidenciados mais alguns aspectos referentes ao letramento, procurando discutir e conceituar essa visão com outros autores e pensadores da área.

A alfabetização não é um processo fácil e muito menos rápido, ela é um processo que levará a criança ao longo de sua caminhada educacional a alfabetização. Nas palavras de uma

grande pesquisadora Suzana Schwartz (2016, p. 53): “O ensino é o meio pelo qual ela pode ser alcançada”, mas ele necessita ser “intencional, planejado e voltado para os alunos, mas é um meio para que o professor alcance sua meta: que os alunos aprendam o conteúdo que ele planeja”.

Na sala de aula, o trabalho docente com materiais lúdicos como jogos pedagógicos e brincadeiras está cada vez mais em evidência. O professor já mesmo no planejamento estrutura seus planos de aula com diferentes variações práticas. Os jogos em especial, proporcionam condições de desenvolvimento intelectual, social, cognitivo e afetivo, além de promover a participação de todas as crianças.

Ao falarmos de alfabetização de crianças nos remetemos a um espaço de descoberta, de conhecimento, de busca do novo e do desconhecido ao imaginário infantil. Muitas foram as técnicas e práticas pensadas e elaboradas para o melhor desenvolvimento da alfabetização. Muitas dessas práticas não foram bem sucedidas no campo educacional, se tornando práticas pedagógicas e métodos ultrapassados e sem significação e sentido para quem compreende que a alfabetização da criança é um processo pela qual ela irá aprender os usos da forma de escrita e falada (leitura) para se desenvolver no meio social.

Para a autora Marlene de Carvalho (2010, p. 66), “O uso da palavra alfabetização no sentido restrito de aprendizagem inicial da leitura e escrita, isto é, a ação de ensinar (ou o resultado de aprender) o código alfabético, ou seja, as relações entre letras e sons”. Existindo assim, segundo a autora, outras formas de definição sendo habilidades de interpretação da leitura e da produção textual (escrita).

Magda Soares nos apresenta a especificidade por trás do conceito de alfabetização, segundo ela:

Mas, por outro lado, se a alfabetização é uma parte constituinte da prática da leitura e da escrita, ela tem uma especificidade, que não pode ser desprezada. É a esse desprezo que chamo de “desinventar” a alfabetização. É abandonar, esquecer, desprezar a especificidade do processo de alfabetização. A alfabetização é algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, ela não deve ficar diluída no processo de letramento. Acredito que essa é uma das principais causas do que vemos acontecer hoje: a precariedade do domínio da leitura e da escrita pelos alunos (SOARES, 2003, p. 16).

Dessa forma, os métodos de alfabetização passaram a ser negados historicamente pelos professores. Antes a organização curricular era pautada em métodos e marchas de alfabetização, constituídos por modelos ‘certos’ a serem seguidos pelos professores. O que era antes dito como certo e organizado agora não se tem modo de fazer.

A autora destaca ainda que antigamente os professores possuíam muitas técnicas, métodos de alfabetização, mas não possuíam a teoria. Nos dias atuais vemos muita discussão sobre a alfabetização nas escolas, mas desconhecemos muitas vezes de técnicas para por essa teoria em prática. A autora Magda Soares nos faz uma importante colocação quando afirma que: “Aí é que está o erro. Ninguém aprende a ler e a escrever se não aprender relações entre fonemas e grafemas – para codificar e para decodificar” (SOARES, 2003, p. 17).

A alfabetização é um processo de descoberta, de construção de sentido. Esse processo é muito complexo exigindo assim do professor muito esforço, estudo e paciência com a educação dessas crianças. Aprender a ler e escrever é muito mais do que uma técnica ou um método a ser utilizado; é algo que a criança, ao longo de sua vida social, irá utilizar. Com isso, muitas crianças trazem para a escola conhecimentos prévios aprendidos durante a sua vida no âmbito familiar, na vivência com práticas de leitura e escrita, que são carregadas de singularidades e ao professor utilizar esse conhecimento prévio e introduzir práticas mais aprofundadas de conhecimento e ensino.

Com o passar do tempo, por volta da década de 80, houve uma evolução no modo de pensar e conceber as práticas escolares para a alfabetização escolar. Nesse campo de estudo se destacam algumas obras como *A psicogênese da língua escrita*, elaborada pelas autoras Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, construindo a partir da visão do autor Jean Piaget, o construtivismo sendo esse um modo de pensar a construção da escrita e da leitura pela criança. O construtivismo chegou às escolas e fez mudar a concepção tradicionalista que vinha sido desenvolvida no campo educacional.

Com isso, o professor passa a ser considerado como um mediador do processo de ensino e aprendizagem. Para a autora Madalena Freire (1983, p. 21) “Daí a importância de salientar este papel de professor como organizador. Organizador no sentido, porém de quem observa, colhe os dados, trabalha em cima deles, com total respeito aos educandos que não podem ser puros objetos da ação do professor”.

O professor deve buscar em suas aulas satisfazer as necessidades das crianças, com práticas que vão além do simples fato de aprender e ensinar a leitura e a escrita, práticas significativas, interessantes que despertem na criança o gosto por aprender e por buscar conhecimentos novos.

Os métodos foram utilizados historicamente pelas escolas, buscando transmitir e impor o conhecimento para os alunos, muitas vezes a escola trabalha com propostas que não condizem com a realidade da criança, trabalhando com conhecimentos e conteúdos descontextualizados. Segundo a autora Emilia Ferreiro existe uma causa por traz da

dificuldade que as crianças possuem em conseguir entender o processo da alfabetização sendo ela:

São os adultos que têm dificultado o processo imaginando sequências idealizadas de progressão cumulativa, estimulando modos idealizados de fala que estariam ligados à escrita e construindo definições de ‘fácil’ e de ‘difícil’, que nunca levaram em conta de que maneira se define o fácil e o difícil para o autor principal da aprendizagem: a criança. Tudo isso tornou o processo mais difícil do que deveria ser, produziu fracassos escolares desnecessários, estigmatizou uma grande parte da população e transformou a experiência de alfabetização em uma experiência literalmente traumática para muitas crianças (FERREIRO, 2004, p. 25).

A obtenção do conhecimento é um resultado do próprio sujeito, é uma construção que ele irá realizar ao longo de sua jornada escolar. “Um sujeito ativo é aquele que compara, exclui ordena, categoriza, reformula, comprova, formula hipóteses, reorganiza etc., em ação interiorizada (pensamento) ou em ação efetiva (segundo seu nível de desenvolvimento)” (FERREIRO; TEBEROSKI, 1999, p. 32). Esse sujeito estará realizando seu próprio conhecimento e análise do desconhecido não apenas a cópia, a memorização e a repetição de modelos a serem copiados e reproduzidos. Esse aluno quando for instigado a ler um texto saberá colher as informações necessárias para o seu entendimento e estudo.

A alfabetização é um processo complexo, difícil e exaustivo tanto para o professor quanto para a criança. O professor alfabetizador deve ter a consciência de que antes de estruturar e pensar em métodos e recursos didáticos existe um sujeito (criança) que está à procura de conhecimento e de aprendizagem. Uma aprendizagem que potencialize a sua capacidade, a sua imaginação e reflexão perante o meio social. Desta forma para a autora Suzana Schwartz (2016, p. 21):

É papel do professor-alfabetizador ensinar a ler e a escrever a todos seus alunos, contribuindo para que eles se tornem usuários autônomos da linguagem, utilizando a leitura e a escrita para o estudo, para o trabalho e especialmente como fonte de prazer, de enriquecimento pessoal e espiritual.

Portanto, é nesse sentido que buscamos formar leitores e escritores habilidosos, sujeitos capazes de ler de produzir, de criar e escrever as suas próprias opiniões, seus próprios pensamentos e ideias. Essas crianças poderão ao longo da sua caminhada escolar com o estímulo do professor a compreender diferentes textos que desejam ler e interpretar. Não ficando assim em apenas reproduzir saberes estudado, com opiniões previamente concebidas por outros sujeitos históricos e sociais (SCHWARTZ, 2016).

Nesse sentido cabe ao professor pensar e planejar formas diferenciadas de desenvolver a alfabetização escolar. Uma alfabetização que vá ao encontro da necessidade e do seu uso social, para que a criança possa entender, compreender e participar como um sujeito ativo, presente e reflexivo dentro desse processo.

Sem compreender como se dá o processo de construção da linguagem escrita pela criança, o ensino durante muito tempo esteve organizado de forma descontextualizada, utilizando métodos de aprendizagem muito tradicionalistas. Conseqüentemente a educação escolar das crianças ficou muito prejudicada, muitas crianças saíam dos primeiros anos alfabetizados (sabendo ler e escrever), mas não conseguiam compreender o seu uso fora do contexto escolar, formando-se assim “analfabetos funcionais”. Para a autora Eliana B. Correia de Albuquerque (2007, p. 16):

No que diz respeito à alfabetização especificamente, surge o conceito de “analfabetismo funcional” para caracterizar aquelas pessoas que, tendo se apropriado das habilidades de “codificação” e “decodificação”, não conseguiam fazer uso da escrita em diferentes contextos sociais. Assim, o fenômeno do analfabetismo passou a envolver não só aqueles que não dominavam o sistema de escrita alfabética, mas também as pessoas com pouca escolarização.

As crianças podem até conseguir ler e escrever, mas quando será solicitado para que elas leiam um texto informativo e depois expliquem as principais ideias do texto, apresentam serias dificuldades. Isso é decorrente de uma alfabetização descontextualizada, em que desenhar letras e palavras é mais importante do que compreender o sentido daquilo que se registra.

Neste sentido, surge um movimento a nível mundial, chamado de letramento, que buscou mostrar a partir das reflexões realizadas pela autora Magda Soares (2010) que a criança pode até ser alfabetizada (saber ler e escrever) conseguindo codificar e decodificar, mas quando for solicitado para as crianças ler diferentes gêneros textos (jornais, revistas, textos informativos) dos que ela foi alfabetizada, irá apresentar dificuldades. Com isso, a alfabetização fica somente no processo da aquisição gráfica já o letramento irá utilizar esse saber da criança para usar na sua vida social.

Na próxima seção serão apresentadas diferentes definições acerca do letramento escolar. Será que é possível alfabetizar letrando? Quais as técnicas e práticas que o professor devera ter perante essa educação? Qual a diferença entre alfabetização e letramento?

2.3 ALFABETIZAR E LETRAR: PRÁTICAS POSSÍVEIS

No livro da autora Magda Soares: *Letramento: um tema em três gêneros* (2010), a palavra letramento começou a ser utilizada há pouco tempo no cenário educacional, sendo evidenciada mais na segunda metade dos anos 80. Uma das principais autoras que realizam as primeiras observações e definições dessa palavra foi Mary Kato, que escreveu em 1986: *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, em que define na época que a língua culta era a consequência do letramento. Mais tarde, por volta de 1995, a autora Ângela Kleiman, também irá escrever algumas considerações se fundamentando nas primeiras análises da autora Mary Kato.

No Brasil algumas definições sobre alfabetização e letramento se mesclam e se confundem. Muitos professores não possuem uma visão clara e objetiva da significação da palavra letramento. Sendo assim, a autora Magda Soares (2010, p. 73) define o letramento na seguinte colocação:

Aqueles que priorizam, no fenômeno letramento, a sua dimensão social, argumentam que ele é um atributo unicamente ou essencialmente pessoal, mas é, sobretudo, uma prática social: letramento é o que as pessoas *fazem* com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é um conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em um contexto social.

O enfoque principal envolvendo o letramento é o seu caráter funcional, por meio dele o sujeito estará pronto para realizar toda e qualquer ação na sociedade, podendo também realizar as atividades nos quais o letramento é exigido nos grupos e na cultura, sendo assim o letramento evolui mais do que as simples habilidades de ler e escrever ele compreende e atende as exigências presentes na sociedade, na vida e no cotidiano onde o sujeito (criança) está inserido.

O letramento, diferentemente da alfabetização, é o resultado de práticas que irão resultar no processo de ler e escrever instigando o sujeito a pensar e refletir sobre *o que, como, quando e por que ler e escrever*, mostrando para as crianças o real significado de aprender e utilizar a leitura e a escrita no meio social. Desse modo:

As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem a competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita: não leem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um

requerimento, uma declaração, não sabem preencher um formulário, sentem dificuldades de escrever um simples telegrama, uma carta, não conseguem encontrar informações em um catálogo telefônico, num contrato de trabalho, numa conta de luz, numa bula de remédio [...] (SOARES, 2010, p. 45-46).

Em nossa sociedade atual, observamos muito desse aspecto citado pela autora, as pessoas sabem escrever seu nome, identificar as letras, mas elas não utilizam essa alfabetização nas ações sociais. Muitas não conseguem e outras sentem muita dificuldade na hora de ler e escrever textos fora do contexto tradicional de aprendizagem de leitura e escrita onde eram passados modelos prontos que a criança reproduzia facilmente no contexto escolar.

Portanto a alfabetização é caracterizada pela ação ou pela prática de se ensinar ou aprender a ler e escrever. Já o letramento é caracterizado pelo estado ou pela condição do sujeito que sabe ler e escrever, mas o usa, cultiva e exerce cotidianamente na sociedade que usam a escrita. Esse sujeito cultiva a prática de escrita lendo diferentes gêneros textuais, apreciando obras literárias, entre outros aspectos (SOARES 2010).

Letrar é um processo que deveria ser desenvolvido ao lado do processo de alfabetização, sendo assim possível de se realizar os dois junto e ao mesmo tempo. O trabalho pedagógico deverá associar essas duas práticas procurando assim pela alfabetização trabalhar com aspectos mais relacionados ao desenvolvimento das habilidades envolvendo a leitura e a escrita em práticas relacionadas ao cotidiano e a sociedade que envolva a linguagem escrita (letramento). “Ou seja, o letramento como prática social de leitura e escrita do cotidiano passa a ser substituído por um letramento eminentemente escolar” (SANTOS, 2007, p. 29). Esse processo escolar passa assim a valorizar práticas cotidianas que possam desenvolver no sujeito (crianças) habilidades além da codificação e decodificação das linguagens (leitura e escrita).

Para as autoras Luciana Piccoli e Patrícia Camini (2012, p. 21) “A ideia de letramento, então, ultrapassa as fronteiras escolares, permeando as diversas esferas de atividade pelas quais os sujeitos circulam”. Na escola são priorizadas práticas de escrita como escrever a data e o roteiro que será utilizado em aula e ler um texto e logo após responder algumas perguntas sobre ele. Essas práticas são basicamente escolares dentro de um campo vasto e diverso que a leitura e a escrita aparecem na sociedade como: domésticas (listas de supermercados), religiosas (leitura de passagens bíblicas), do trabalho (email, ata de reuniões), da rua (leitura de placas) e do lazer (leitura de livros de romance, utilizar as redes sociais comentando as fotos dos amigos). Todas essas ações são práticas de letramento executadas no meio social onde o sujeito está inserido.

Um bom leitor não se faz sozinho, ele necessita que o educador possibilite situações de aprendizagem que instiguem o gosto pela leitura, uma leitura que faça sentido, que busque informar, qualificar e ensinar conhecimentos que antes (na visão tradicionalista de conceber o ensino e aprendizagem) eram trabalhados fora do convívio e do contexto social infantil. De acordo com a autora Emilia Ferreiro (2004, p. 19) “Um dos objetivos sintomaticamente ausente dos programas de alfabetização de crianças é do compreender as funções da língua escrita na sociedade”.

Para que esse trabalho pedagógico seja bem desenvolvido, precisamos desenvolver uma prática que leve em consideração a bagagem cultural, social e econômica da criança, procurando entender as relações sociais que a cercam e que ela está inserida. Neste sentido, outro enfoque que devemos destacar na alfabetização e letramento é a elaboração do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor:

Portanto, a alfabetização na perspectiva do letramento deve evidenciar a importância do trabalho com os diversos gêneros textuais, com base nos diferentes suportes de leitura, tendo em vista proporcionar ao aluno a percepção das múltiplas formas de utilização da escrita para diferentes finalidades, a partir das situações de letramento presentes no cotidiano do aluno, uma vez que os textos apresentam situações comunicativas diferenciadas, possibilitando ao aluno compreender que a estrutura e a organização do texto estão relacionadas à função discursiva que exercem nas práticas cotidianas da realidade circundante, ou seja, uma carta, uma receita culinária, uma bula, um anúncio de jornal, um bilhete, um folheto informativo, dentre outros suportes textuais (MORAIS, 2010, p. 5).

Sendo assim, o educador deve pensar e elaborar práticas textuais que vão além dos textos presentes nos livros didáticos (os professores utilizam muito esses textos), e na simples atividade de interpretação textual, que muitas vezes a resposta está evidente e dividida nos parágrafos do texto.

Essa prática pedagógica é muito frequente nas escolas, na qual a criança somente interpreta o que está pedindo na pergunta e responde tal e qual como está no texto, se ela responder diferente do que está escrito no texto (com suas palavras) o educador solicita que a criança apague a resposta e copie toda a frase que está no texto. Dessa forma, a autora Eliana B. de Almeida C. de Albuquerque (2007, p. 20) destaca que:

A leitura e a produção de diferentes textos são tarefas imprescindíveis para a formação de pessoas letradas. No entanto, é importante que, na escola os contextos de leitura e produção levem em consideração os usos e funções do gênero em questão. É preciso ler e produzir textos diferentes para atender a finalidades diferenciadas, a fim de que superemos o ler e a escrever para apenas aprender a ler e a escrever.

O professor alfabetizador deve buscar também outros gêneros textuais como: a poesia, o poema, a música, o jornal, a revista, os livros infantis, entre outros. Ao trabalhar com a interpretação de texto o professor pode solicitar que as crianças procurem no dicionário as palavras mais difíceis ou mais interessantes do texto, podendo fazer um jogo de palavras e frases onde as crianças em grupo poderão formar frases ou ordenar as frases do texto.

Pensando em outras formas de mostrar como a alfabetização muitas vezes está sendo ensinada para as crianças de forma equivocada, mostrando também como algumas crianças não conseguem interpretar muitas vezes o que os textos e os conteúdos escolares com métodos tradicionais de alfabetização estão querendo transmitir para elas. Desse modo, procuramos pesquisar algumas tirinhas da personagem “Mafalda” que retratam a partir de suas histórias em quadrinhos uma forma divertida e muito atual dos acontecimentos que ocorrem no cenário escolar.

Imagem 1, 2, 3: Tirinhas da personagem Mafalda.



Tirinha Disponível em: <http://clubedamafalda.blogspot.com.br/>



Tirinha 749 de 22 de julho de 2014. Disponível em: http://clubedamafalda.blogspot.com.br/2014/07/tirinha-749.html#.Wa8vvfnR_IU, acesso em 05 de setembro de 2017.



Tirinha 330 de 31 de março de 2007. Disponível em: <http://clubedamafalda.blogspot.com.br/2007/03/tirinha-330.html>

Essas tirinhas foram escritas pelo autor Joaquim Salvador Lavado Tejón, conhecido mais pelo pseudônimo de Quino. A personagem Mafalda é evidenciada pelo autor como uma menina crítica, reflexiva e muito inteligente frente não só as questões educacionais, mas também políticas e sociais. Podemos verificar nas tirinhas acima da Mafalda como o processo de ensino e aprendizagem acontece dentro da escola. Muitas vezes, esse ensino descontextualizado e sem significação para a criança acaba se tornando algo distante para a criança. Esse tipo de aprendizagem irá resultar em uma criança desmotivada, esse tipo de ensino não consegue significar para a criança o que está sendo ensinado para ela.

Segundo a autora Emilia Ferreiro (2004, p. 25) “As crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, através dos contextos sociais funcionais, que a escrita é um objeto interessante que merece ser reconhecido (como tantos objetos da realidade aos quais dedicam seus melhores esforços intelectuais)”. Mas, a alfabetização acontece muitas vezes como evidenciado nas tirinhas acima, de forma mecânica, que leva em consideração apenas o código, a memorização, a repetição das palavras. São geralmente conhecimentos descontextualizados da vida da criança, não tendo assim contexto com a sua vida.

A escola muitas vezes cria um contexto de escrita que fica enraizado somente dentro da escola. A criança realiza a prática da escrita de forma estereotipada em relação à forma como ela é praticada fora do contexto escolar, essa escrita não possui uma função comunicativa, apenas ela é utilizada como uma técnica de alfabetização. Com isso, alguns professores também utilizam como metodologia de leitura textos para treinar o som das palavras, com o uso constante da repetição da mesma, como no exemplo da tirinha de número 3, que usa somente palavras que começam com a letra M.

A escola, em geral, tem ainda práticas pedagógicas que ensinam conhecimentos de modo fragmentado. Quando Mafalda na tirinha de número 3 fala: “agora nos ensina coisas

realmente importantes”, ela está querendo dizer que necessita aprender o conhecimento do mundo, da vida, do cotidiano, das transformações históricas e sociais que ocorrem a sua volta. Aspecto que vem ao encontro das palavras do grande educador Paulo Freire (2013, p. 67): “A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas”.

Dessa forma, a alfabetização escolar deve ir muito além do processo mecânico da leitura e da escrita da palavra. A alfabetização não pode apenas ficar no estágio da codificação e da decodificação da palavra, ela deve ser um processo de descoberta, de conhecimento do mundo e da vida cotidiana.

A ênfase praticamente exclusiva da cópia, durante as etapas iniciais da aprendizagem, excluindo tentativas de criar representações para séries de unidades linguísticas similares (listas) ou para mensagens sintaticamente elaboradas (textos), faz com que a escrita se apresente como um objeto alheio à própria capacidade de compreensão. Esta ali para ser copiado, reproduzido, porém não compreendido, nem recriado (FERREIRO, 2004, p. 19).

A criança necessita entender o mundo lá fora, as suas linguagens, as diferentes organizações, os diferentes gêneros textuais e as várias formas como as palavras são utilizadas no meio social.

O resultado dessas práticas de alfabetização são adultos alfabetizados, mas não letrados efetivamente. São adultos que crescem com dificuldades de compreender, de argumentar, de expor duas ideias em público e nos cursos de formação. Esses adultos até podem compreender o texto em si, mas apresentam dificuldades em argumentar e defender as ideias presentes nos livros e nas teorias apresentadas durante o processo de formação acadêmica. Para a autora Emilia Ferreiro (2004, p. 19), “não são leitores críticos capazes de perguntar-se, diante de um texto, se há razões para compartilhar do ponto de vista ou da argumentação do autor”.

No próximo capítulo será analisado o uso dos diferentes espaços escolares procurando debater juntamente com alguns autores a importância do planejamento e da organização do professor para potencializar a alfabetização e letramento procurando desenvolver uma educação contextualizada e com vivências e experiências significativas, interessantes e prazerosas ao olhar infantil.

3 ESPAÇOS ESCOLARES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Nessa seção iremos abordar as principais características existentes em um espaço escolar, buscando discutir formas de organizar os diferentes espaços escolares, a fim de potencializar as práticas escolares de alfabetização. Apontando também as possibilidades e as ações que o professor poderá utilizar para dar mais significação e sentido ao trabalho pedagógico. Nesse capítulo serão utilizados para o debate teórico alguns autores como: Horn (2004), Assis (2013), Ribeiro (2004), Zabalza (1998), Schwartz (2016), Leite (2013), Freire (1983), Lopes & Mendes (2006), Nascimento (2007) e Barbosa (2009), além do documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997).

A escola é um espaço de formação, são nelas possibilitadas das primeiras aprendizagens, das relações sociais, das relações com seus pares, entre os diferentes indivíduos (professores e funcionários) e a troca de experiências e vivências. Desse modo, para a autora Maria da Graça Souza Horn (2004, p. 19):

Partindo do entendimento de que as crianças também aprendem na interação de seus pares, é fundamental o planejamento de um espaço que dê conta dessa premissa, permitindo que, ao conviver com grupos diversos, a criança assuma diferentes papéis e aprenda a se conhecer melhor.

A partir do estudo de alguns autores, como Miguel A. Zabalza (1998), Maria da Graça Souza Horn (2004) e da leitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), entendemos que o espaço escolar não deve ser apenas considerado somente pelo seu aspecto físico, mas como um ambiente propicia ao aprendizado, a interação, a construção de novos conhecimentos e novas construções sociais.

Ao analisarmos o espaço físico atualmente em nossas escolas, alguns apontamentos são necessários para nos conseguirmos compreender como ela é construída. Desse modo: O que é o espaço? Como ele é utilizado? Quais os espaços que são mais utilizados pelos professores no processo de alfabetização? Como ele esta sendo organizado?

O espaço escolar é a parte integrante do processo de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental, assim espera-se que o professor pense e planeje práticas pedagógicas em espaços que potencializem o trabalho coletivo, o pensamento lógico e o desenvolvimento intelectual da criança. Conforme a autora Álen Carla Reggiani Assis (2013, p. 8-9) “É necessário pensar o espaço escolar para além da dimensão física, ver além da paisagem

(aspecto visível da realidade), perceber as marcas, os signos, os símbolos e os significados afetivos e culturais que são ali produzidos”.

Desta forma, refletindo como o espaço da sala de aula é organizado pelos professores os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 67) afirmam que:

Uma sala de aula com carteiras fixas dificulta o trabalho em grupo, o diálogo e a cooperação; armários trancados não ajudam a desenvolver a autonomia do aluno, como também não favorecem o aprendizado da preservação do bem coletivo. A organização do espaço reflete a concepção metodológica adotada pelo professor e pela escola.

O espaço escolar é uma parte integrante do processo de aprendizagem, a organização deles influencia na interação da criança com o processo de alfabetização. Desse modo, essa interação quando se limita apenas ao espaço da sala de aula, tira a possibilidade da aprendizagem se tornar mais ampla e contextualizada. Deste modo, a autora Maria da Graça Souza Horn (2004, p. 15) afirma que:

O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são relevantes de uma concepção pedagógica. Aliás, o que sempre chamou minha atenção foi a pobreza frequentemente encontrada nas salas de aula, nos materiais, nas cores, nos aromas; enfim, em tudo que pode povoar o espaço onde cotidianamente as crianças estão e como poderiam desenvolver-se nele e por meio dele se fosse mais bem organizado e mais rico em desafios.

Com isso, ao levar as crianças para outros espaços disponíveis da escola estamos colaborando para o desenvolvimento da criança, não ficando atreladas as questões isoladas, mas permitindo com que as crianças possam refletir, pensar e discutir diferentes ensinamentos com os seus colegas. Para a autora Solange Lucas Ribeiro “Ao longo do tempo, a noção de espaço foi sendo reconstruída, ressignificada, enriquecida, deixando de ser vista apenas em sua dimensão geométrica, para assumir também a dimensão social” (2004, p. 103).

O ambiente alfabetizador deve possuir uma grande diversidade dos espaços que desafiem as crianças a pensar e a refletir sobre a sua própria aprendizagem, realizando, com isso, relações entre a sua vida e a vida escolar. Para o autor Miguel A. Zabalza (1998, p. 232):

Quando entramos em uma escola, as paredes, os móveis e sua distribuição, os espaços mortos, as pessoas, a decoração, etc., tudo nos fala que tipo de atividades que se realizam, da comunicação entre os alunos (as) dos diferentes grupos, das relações com o mundo externo, dos interesses dos alunos (as) e dos professores (as)...

Sendo assim, as primeiras relações que a criança irá realizar do mundo em sua volta com ela mesma é na escola, sendo um lugar os acontecem as primeiras relações, as primeiras interações com a vida de outras crianças fora do seu convívio familiar. Com isso, “É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem as emoções” (HORN, 2004, p. 28).

A escola e os professores cumprem um papel fundamental nesse processo, eles são responsáveis em criar diferentes situações de aprendizagem, em estratégias de ensino para potencializar as relações, a alfabetização e o letramento infantil. Portanto, “Cabe ao professor planejar modos de seduzir o aluno, de fazer com que ele atribua significado às aprendizagens que precisa (re) construir, que deseje aprender. É também dele o papel de despertar o interesse e manter a atenção do aluno” (SCHWARTZ, 2016, p. 41).

Pensando em como se devem organizar o espaço escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais nos mostram um caminho metodológico muito rico, carregado de intencionalidade e responsabilidade das crianças frente à organização da sala de aula.

Nessa organização é preciso considerar a possibilidade de os alunos assumirem a responsabilidade pela decoração, ordem e limpeza da classe. Quando o espaço é tratado dessa maneira, passa a ser objeto de aprendizagem e respeito, o que somente ocorrerá por meio de investimentos sistemáticos ao longo da escolaridade. É importante salientar que o espaço de aprendizagem não se restringe à escola, sendo necessário propor atividades que ocorram fora dela (BRASIL, 1997, p. 67).

Por muitos e muitos anos, o espaço escolar não era debatido no âmbito educacional, os professores não pensavam formas diferenciadas de utilizar o espaço escolar e de organizar para melhorar as práticas pedagógicas. Atualmente muitas pesquisas estão sendo realizadas discutindo assim formas de se pensar os espaços, os tempos e os ambientes escolares.

Desta forma, se destaca a importância de se pensar e criar os espaços escolares com diversidade em materiais como jogos pedagógicos, com diferentes instrumentos, signos e significação em vários ambientes diferentes. Com espaços que integram com múltiplas linguagens existentes no dia a dia infantil.

Pensando em espaço e ambiente, o italiano Zabalza (1998, p. 232) nos apresentam a diferença existente entre esses dois aspectos, segundo ele:

O termo *espaço* refere-se ao espaço físico, ou seja, aos locais para a atividade caracterizados pelos objetos, pelos materiais didáticos, pelo mobiliário e pela decoração. Já, o termo *ambiente* refere-se ao conjunto do espaço físico e as relações que se estabelecem no mesmo (os afetos, as relações interpessoais entre as crianças e adultos, entre crianças e sociedade em seu conjunto).

Conforme citado acima, o espaço se refere às características físicas presente na escola como: classes, cadeiras, prédios, o pátio escolar, entre outros. Já o ambiente escolar seriam as relações que a criança realiza dentro desse espaço sendo as relações interpessoais, com isso não se valorizam apenas o meio físico (espaço), mas as relações existentes no meio (ambiente).

Algumas práticas educacionais podem ser realizadas pelo professor para potencializar esse ensino como: a organização de diferentes espaços com jogos pedagógicos, com brincadeiras educacionais, com atividades que desenvolvam a expressão corporal, práticas que realce na criança o raciocínio, a reflexão e o estudo podendo assim ser realizado de forma coletiva.

No dia-a-dia devem-se aproveitar os espaços externos para realizar atividades cotidianas, como ler, contar histórias, fazer desenho de observação, buscar materiais para coleções. Dada a pouca infra-estrutura de muitas escolas, é preciso contar com a improvisação de espaços para o desenvolvimento de atividades específicas de laboratório, teatro, artes plásticas, música, esportes, etc. (BRASIL, 1997, p. 67).

Levando em consideração essa afirmação acima, a utilização dos diferentes espaços escolares presente no dia a dia educacional, irá interferir consideravelmente e diretamente na construção da autonomia das crianças e a construção de diferentes relações afetivas, psicológicas e intelectuais.

Também é necessário destacar que nenhum espaço é neutro, nela estão presentes todas as concepções pedagógicas do professor, sejam pela forma de organizar os móveis da sala, as classes, as mesas, ou pelas formas de metodologia. “O espaço não é neutro e está impregnado de signos, símbolos e marcas de quem a produz, organiza e nele convive, por isso, tem significações afetivas e culturais” (RIBEIRO, 2004, p. 103).

Cada vez mais se faz necessário pensar nos materiais que vão ser utilizados para a aprendizagem das crianças, as crianças necessitam interagir com diferentes objetos, diferentes saberes para assim construir novas linguagens. Pensando nisso, o espaço escolar necessita ser reconhecido como um ambiente de interação entre as crianças, sendo um lugar de troca de experiências e vivências. Desse modo:

[...] um fator preponderante para o desenvolvimento desse processo; de que as crianças, ao interagirem com o meio e com os outros parceiros, aprendam pela própria interação e imitação, constatamos que a forma como organizamos o espaço interfere, de forma significativa, nas aprendizagens infantis. Isto é, quanto mais esse espaço for desafiador e promover atividades conjuntas, quanto mais permitir que as crianças se descentrem da figura do adulto, mais fortemente se construirá como parte integrante da ação pedagógica (HORN, 2004, p. 20).

Portanto é na e pela interação da criança com o meio que se desenvolvem as primeiras relações sociais e a apropriação de novas linguagens. A manipulação de diferentes materiais alfabetizadores irá contribuir significativamente para a aprendizagem da criança.

O professor poderá também criar a partir de diferentes materiais pedagógicos espaços ricos em aprendizagem, em possibilidades de estudo, de reflexão. Desse modo, a forma como esses materiais serão escolhidos, planejados e organizados pelo professor irá fazer toda a diferença no produto final do processo da alfabetização. Levando em consideração alguns apontamentos do autor Miguel A. Zabalza, ele afirma, em umas das suas obras, que:

O espaço na educação é constituído como uma estrutura de oportunidades. É condição externa que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento das atividades instrutivas. Será estimulante ou, pelo contrário limitante, em função do nível de congruência em relação aos objetivos e dinâmica geral das atividades que forem colocadas em prática ou em relação aos métodos educacionais e instrutivos que caracterizem o nosso estilo de trabalho (ZABALZA, 1998, 236).

O professor cria, com isso, um papel de mediador do conhecimento, procurando entender as necessidades, os anseios e os desejos das crianças em relação à aprendizagem escolar. Ele é o responsável por observar, escolher e propor as interações entre as crianças e a troca de conhecimento, para, assim, formar sujeitos críticos, mas também reflexivos da sua vida em sua volta.

Para facilitar a interação e o estudo entre as crianças, o professor também pode organizar na sala de aula diferentes espaços, principalmente de leitura. Nesses espaços é muito importante que o professor selecione materiais de leitura com diferentes gêneros textuais podendo utilizar, revistas, jornais, gibis, livros de história infantil, poemas, poesias, entre outros. “As palavras e letras, textos em prosa e verso, estão espalhados em diversos suportes e veículos, e a todo o momento nos provocam, informam, escandalizam, emocionam, aproximam, entristecem, ensinam, entre tantas outras possibilidades” (LEITE, 2013, p. 5).

O mobiliário escolar também deve ser pensado pela escola e pelo professor. As crianças necessitam ter a autonomia de conseguir pegar os materiais pedagógicos e organizar as ferramentas de ensino como os jogos e os livros. As carteiras devem ser planejadas ao tamanho das crianças sendo organizadas para viabilizar o trabalho individual e coletivo nos momentos de interação em grupo.

Também é importante destacar que ao realizar um trabalho alfabetizador é importante que o professor utilize vários espaços pedagógicos, entre elas o uso da sala de informática (para realizar diferentes pesquisas), o uso da biblioteca (para a exploração de diferentes livros

e leituras), o uso da sala de vídeo (o professor pode utilizar vídeos explicativos sobre o assunto trabalhado em aula), pode utilizar o pátio da escola para brincar, explorar elementos, contar uma história, entre outros.

O objetivo principal do trabalho pedagógico é desenvolver uma proposta que leve as crianças a explorar os diferentes espaços dentro da escola, se tornando, assim, um ambiente alfabetizador. Pensando no planejamento das práticas pedagógicas, a autora Madalena Freire (1983, p. 77) afirma que:

O planejamento das atividades se faz e se refaz, dinamicamente, na prática juntamente com elas. É por isso que muitas vezes nos detivemos no estudo de assuntos considerados pela programação oficial (que sempre precede a prática), como sendo próprios de outros níveis de ensino. Estipula-se de antemão o que a criança deve conhecer e inclusive o como, matando, assim, a criação do professor.

Essa afirmação acima nos faz refletir que muitas vezes planejamos os espaços antecipadamente, procuramos escolher da melhor forma possível os materiais e os objetos, para que a criança possa ter a melhor interação e aprendizagem com o meio, mas, nem sempre as crianças irão realizar as propostas fielmente com os objetivos principais, muitas vezes elas o modificam para que assim possam ter a melhor aprendizagem daquela proposta estruturada pelo professor.

Dessa forma, o espaço escolar deve ser um lugar que abrange todas as possibilidades para se desenvolver a prática pedagógica, ele deve ser construído como um espaço de possibilidade de diferentes aprendizagens, despertando tanto no professor quanto na criança condições para o bem estar, para a curiosidade de aprender da criança e o gosto de ensinar por parte do professor (RIBEIRO, 2004). O professor então ganha um caráter de mediador dessa atividade procurando alternativas para desenvolver um trabalho pedagógico em todos os espaços da escola e não somente dentro da sala de aula.

Outra questão, que muitas vezes não é analisada e discutida pelos professores dentro do processo de ensino aprendizagem, são as paredes das escolas. Elas são ótimas contadoras de histórias. Uma escola que valoriza o trabalho desenvolvido pela criança procura expor em diferentes espaços como: murais, corredores, exposições, etc. “O espaço é entendido numa perspectiva definida em diferentes dimensões: a física, a funcional, a temporal e a relacional, legitimando-se como um elemento curricular. A partir desse entendimento, o espaço nunca é neutro” (LOPES; MENDES, 2006, p. 14).

O espaço não é neutro e nem um pouco imparcial. Eles estão carregados de histórias, as singularidades e a expressão frente ao imaginário infantil. Dessa forma, segundo a autora Suzana Schwartz (2016, p. 43):

A aprendizagem, portanto, é resultado explícito de uma intervenção exterior, a qual só tem efetividade se internalizada a partir de uma elaboração interior. As aprendizagens acontecem a partir da pobreza ou da riqueza da intervenção do ambiente que nos é oportunizado frequentar, e não de características inatas do sujeito, como seria o ritmo e/ou o tempo a aprender.

No entanto, ao analisarmos um ambiente alfabetizar tradicional constatamos que os trabalhos artísticos das crianças não são valorizados, o que se destacam nas paredes da sala de aula são figuras estereotipadas confeccionadas pelo professor e não pela criança. Nas paredes também estão presentes o alfabeto em cima do quadro e numerais, aliando-se, assim, com as práticas alfabetizadoras tradicionais que utilizam o livro didático. Para a autora Maria Isabel Leite (2013, p. 4):

O ambiente formativo é também um ambiente saudável, acolhedor, que busca atender às diferentes necessidades e desejos de todos aqueles que por ali circulam e atuam, não apenas favorecendo as trocas e descobertas, mas, sobretudo, impulsionando os processos de apropriação e de produção de sentidos e significados. Neste sentido, os diferentes espaços escolares são percebidos como parte deste ambiente maior: o pátio, a biblioteca, as salas de aula, a horta, a sala de informática ou de recursos – em outras palavras, é o conjunto dos diversos espaços somados às tramas relacionais ali tecidas que constitui, no caso das escolas, seu ambiente formativo geral.

O trabalho pedagógico não pode ficar atrelado ao uso somente da sala de aula e do caderno. A criança possui uma capacidade muito superior do que somente reproduzir, copiar e memorizar os conteúdos escolares. A prática educativa deve valorizar o sujeito principal presente no meio educacional que nesse caso é a criança. Sendo assim, a partir das palavras da autora Anelise Monteiro do Nascimento:

As crianças possuem modos próprios de compreender e interagir com o mundo. A nós, professores, cabe favorecer a criação de um ambiente escolar onde a infância possa ser vivida em toda a sua plenitude, um espaço e um tempo de encontro entre os seus próprios espaços e tempos de ser criança dentro e fora da escola (2007, p. 31).

O espaço escolar deve ser entendido como aquele lugar onde as crianças desenvolvem muitos conhecimentos, seja pela interação delas com os materiais pedagógicos (jogos pedagógicos) e com os objetos ou pela interação delas com seus colegas e com seus

professores. Os professores com isso assumem o papel de mediadores do conhecimento. Ela é um ambiente na qual as crianças interagem significativamente com o meio e com todas as situações de aprendizagem, mostrando, assim, que, a partir dos ensinamentos produzidos pelos professores e pelos alunos irão se construir aprendizagens significativas e contextualizadas perante a necessidade do saber infantil.

Percebe-se, a partir do estudo e da análise dos espaços escolares, o quanto eles são importantes para o processo de construção do ensino e da aprendizagem na alfabetização. É por meio dele que se aprende, cria, desperta a curiosidade, a imaginação e a experimentação do novo, do desconhecido.

Para que o espaço escolar desenvolva todas essas sensações ao imaginário infantil é importante antes de tudo que o professor considere ele como um espaço formador, passivo de desenvolver vínculos marcantes a aprendizagem da criança. Além disso, esse espaço poderá sofrer alterações quando necessário, uns dos exemplos que podemos citar é a forma como organizamos os cantos de leitura, e de jogos pedagógicos, quanto no aprendizado das letras tanto nos números. Para a autora Maria Carmem Silveira Barbosa (2009, p. 91):

A intencionalidade pedagógica transforma espaços físicos em ambientes. Para compor um ambiente é preciso conhecer os seres que o habitam e construir com eles uma experiência de vida temporal nele enraizada. O ambiente envolve aspectos físicos, culturais, afetivos e sociais.

Esse trabalho busca também discutir as principais interações que ocorrem dentro do espaço escolar, sendo esse considerado um espaço de vida, de amizades, de descoberta, de busca continua de conhecimentos e saberes. Para o autor Zabalza (1998, p. 231)

para as crianças pequenas o espaço é aquilo que nós chamamos de espaço equipado, ou seja, espaço com tudo o que efetivamente compõe: móveis objetos, odores, cores, coisas duras e moles, coisas longas e curtas, coisas frias e quentes, etc. O espaço é antes mais nada luz: a luz que nos permite tanto a nós como à criança vê-lo, recordá-lo, talvez para sempre.

Dessa forma, devemos pensar uma educação escolar que leve em consideração todos os aspectos conceituais, como o espaço escolar físico, um ambiente alfabetizador rico em potencialidades, em vivências e descobertas. Devemos ter mais cores, mais sons, mais espaços e ambientes ricos em interação tanto na parte da criança quanto na parte do professor.

A escola é um grande sistema onde todos os aspectos conceituais citados a cima se encontram, se completam e se moldam na busca da aprendizagem, do conhecimento e do estudo. A escola e professores podem utilizar os espaços presentes nas escolas como

ferramenta mediadora do conhecimento, transformando-o em um espaço significativo de aprender, que possa levar em consideração as interações, as singularidades e as características e ritmos educacionais presentes em cada indivíduo (criança).

No próximo capítulo serão apresentados os resultados obtidos a partir da pesquisa de campo, procurando, assim, debater como os professores utilizam os espaços escolares, a organização do mobiliário, das classes, dos materiais pedagógicos, bem como os métodos, as técnicas e jogos utilizados para a alfabetização escolar. Observando também, o protagonismo infantil, as vivências e as produções dentro do espaço escolar.

4 TEMPOS E OS ESPAÇOS ALFABETIZADORES DE CRIANÇAS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Neste capítulo pretende-se discutir e mostrar a organização dos espaços e tempos escolares e a sua influência perante a alfabetização e letramento. Para desenvolver essa discussão, foram analisados os espaços de duas escolas de um Município do Alto Uruguai (RS), nomeadas nesta pesquisa como Escola A e B. Nestes contextos foram observados os ambientes externos (pátio, parquinho, hall de entrada, quadra), os ambientes internos (corredores, refeitório, biblioteca, sala de informática), as salas de aula (a organização das classes, os métodos de alfabetização, o protagonismo infantil, os cantos de leitura e as produções artísticas das crianças) e os recursos pedagógicos utilizados pelos professores para realizar a alfabetização das crianças.

Para sustentar teoricamente a análise dos dados produzidos, serão utilizados alguns autores, como Luciana Piccoli (2012), Miguel A. Zabalza (1998), Maria da Graça Souza Horn (2004), Emilia Ferreiro (2004), Antoni Zabala (1998) e Maria Carmem da Silveira Barbosa (2009). Também serão analisados alguns documentos e publicações do Ministério da Educação, como o Caderno do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2015); A publicação: A Criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos (2009) e o Ensino Fundamental de Nove Anos (2007).

Dessa forma, para começar as primeiras reflexões frente essa pesquisa, precisamos analisar as diferentes rotinas, tempos, metodologias, os materiais, os espaços físicos e também o ambiente presente nesses espaços. Esses eixos fundamentais elaboraram a necessidade de pensar essa pesquisa nos espaços escolares, procurando também analisar de que forma está sendo organizado, pensado, refletido e elaborado o meio escolar.

O uso de imagens (fotografia) teve como objetivo refletir sobre os recursos, as estratégias, as metodologias, a organização espacial das salas de aula e de outros espaços escolares que os professores utilizam no processo da alfabetização. Por isso é importante salientar que, a partir dessas fotografias, foi possível refletir sobre os métodos utilizados pelos professores, a forma como eles organizam os espaços dentro da sala de aula e fora dela, quais são os materiais pedagógicos utilizados na alfabetização escolar, entre outros aspectos que serão apresentados no decorrer deste capítulo.

Essa pesquisa buscou evidenciar a importância da organização desses espaços na alfabetização e letramento das crianças e de que maneira os espaços dos anos iniciais do ensino fundamental contribuem para o processo de alfabetização das crianças, procurando

evidenciar como a escola organiza seus espaços para proporcionar vivências significativas e efetivas de alfabetização.

4.1 O USO DE DIFERENTES ESPAÇOS EXTERNOS: PÁTIO, CORREDOR, PARQUE, QUADRA E ENTRADA DA ESCOLA

Quando falamos de espaço escolar já nos remetemos à figura da sala de aula e da professora. Mas consideramos aqui nesse trabalho todos os espaços que as crianças utilizam, circulam e interagem diariamente no meio escolar.

Segundo o autor Miguel A. Zabalza (1998, p. 240):

O espaço- escola, o prédio escolar, o salão, o pátio, a cozinha, as salas de aula, o depósito, todos os espaços que estão presentes na escola pertencem a esse âmbito, ou seja, deverão ser os lugares que ajudam a criança a enfrentar a construção das atitudes, dos comportamentos, procedimentos, conhecimentos que formam a cultura.

Dessa forma, quando nos referimos ao ambiente escolar estamos levando em consideração todos os espaços, os objetos, as pessoas, as interações, os sons, as imagens, as cores e formas. A escola não pode ser considerada apenas como um lugar que abriga e recebe as crianças, mas um lugar que oferece, que constrói e gera diferentes comunicações e relações sociais.

Nas imagens abaixo, podemos observar os diferentes espaços onde as crianças circulam diariamente. Esses espaços fornecem as crianças diferentes comunicações, interações, as trocas de experiências e principalmente de aprendizagem. “O ambiente somente existe na inter-relação de todos eles. Não possui uma existência material, como espaço físico. O ambiente existe à medida que os elementos que o compõem interagem entre si. Por isso, cada pessoa o percebe de uma maneira diferente” (ZABALZA, 1998, p. 235).

Imagem 10: escola B, corredores.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Imagem 11: escola A, corredores.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Nas duas imagens acima, podemos analisar que há poucas produções das crianças, muitas vezes os professores não valorizam os espaços externos, usando assim somente o espaço fechado e restrito da sala de aula. Podemos perceber também, que o espaço onde as

crianças circulam fornecem informações importantes como: murais de informação e de recados, que contribuem para a aprendizagem e para a integração da criança com o meio escolar. Nesses espaços possuem alguns cartazes, produções das crianças (as crianças podem observar o trabalho realizado pelos outros colegas das outras turmas). Para Souza:

Os diversos espaços em que as crianças circulam pela escola: pátio, cantina, biblioteca, corredores, brinquedoteca, parquinho, quadra de esportes, enfim, todos os espaços da escola são elementos mediadores do processo de aprendizagem. Por isso, é preciso reconhecer que o planejamento dos espaços por onde as crianças vivem e convivem é de fundamental importância, seja no período de alfabetização, seja na educação infantil, seja na graduação, pois o espaço da sala de aula é um terceiro educador, ele relata as vivências das crianças, retrata as pessoas que estão inseridas nele (SOUZA, 2012, p. 123).

Como já falamos anteriormente, a escola deve ser um lugar aconchegante que desperte na criança o prazer, o interesse, a curiosidade, a alegria de estar e ser parte atuante desse espaço de formação. As imagens abaixo, mostram diferentes espaços educativos escolares, que são usados muitas vezes nas brincadeiras e jogos entre as crianças, sendo esses um espaço lúdico de aprendizagem e formação.

Imagem 12: Pátio externo da escola A.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 13: Pátio da escola B.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Nas duas imagens acima, podemos analisar a presença de bancos, de árvores, canteiros de flor, entre outros. Esses espaços são fundamentais para que a criança possa no intervalo da aula, brincar, jogar, se expressar, pular, correr, se distrair com seus colegas, sendo esse um dos espaços ricos em interação entre as crianças. Dessa forma, todos os espaços escolares possibilitam as crianças aprendizagem.

Por meio da brincadeira e do jogo as crianças experimentam, criam, pensam, elaboram, discutem entre si diferentes possibilidades, resultando assim em um aprendizado significativo e prazeroso. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

O conceito de aprendizagem significativa, central na perspectiva construtivista, implica, necessariamente, o trabalho simbólico de “significar” a parcela da realidade que se conhece. As aprendizagens que os alunos realizam na escola serão significativas à medida que conseguirem estabelecer relações substantivas e não-arbitrárias entre os conteúdos escolares e os conhecimentos previamente construídos por eles, num processo de articulação de novos significados. Cabe ao educador, por meio da intervenção pedagógica, promover a realização de aprendizagens com o maior grau de significado possível, uma vez que esta nunca é absoluta — sempre é possível estabelecer alguma relação entre o que se pretende conhecer e as possibilidades de observação, reflexão e informação que o sujeito já possui (BRASIL, 1997, p. 38).

A brincadeira proporciona para a criança o desenvolvimento social, a autonomia, a socialização, a criação de regras, a resolução dos problemas e as soluções para os jogos nas representações de faz – de - conta. Pelas brincadeiras as crianças conseguem internalizar os acontecimentos vivenciados em seu dia a dia, utilizando-os nas construções, no imaginário e na representação simbólica.

Para a autora Madalena Freire (1994, p. 25), “Quando uma criança brinca, joga ou desenha, ela está desenvolvendo a capacidade de representar, de simbolizar. É construindo suas representações que as crianças se apropriam da realidade”. Ao brincar, simbolizar e dramatizar a crianças estabelece relações com outras crianças, consigo mesmo e com o mundo. As brincadeiras, os jogos, o desenho, a dança e a música, contribuem significativamente para o desenvolvimento da alfabetização e o letramento escolar.

Para Souza, a partir da leitura de Vigotski (2008) desenhar e brincar deveriam estar no meio escolar sendo uma proposta pedagógica necessária para o processo da escrita. “E no desenho, além dessa capacidade simbólica de representar sua imaginação, os gestos, as brincadeiras e a linguagem verbal são fixadas no papel, dando legitimidade ao registro desses signos” (2012, p. 114). A partir do desenho de diferentes figuras e objetos presentes e significativos além de se expressar, a criança também irá aprender sobre o registro escrito, podendo fazer isso de outra maneira posteriormente com o uso das letras.

Nas imagens abaixo, se destacam diferentes espaços internos como o parquinho, a quadra e o pátio da escola. Podemos observar ainda, que todos esses espaços são muito bem elaborados pela escola, as escolas possuem uma área externa ampla, com bastante árvore, bancos, brinquedos como: balanço, escorregador, gangorra, entre outros.

Imagem 14: Parquinho da escola A.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Imagem 15: Parquinho da escola B.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Outros espaços que pude analisar que as crianças gostam e frequentam diariamente nas escolas, é a área coberta, nesses espaços possuem alguns brinquedos como: a cama elástica, uma mesa de pingue-pongue, Pebolim e quadro negro (as crianças gostam de escrever e desenhar com giz).

Imagem 16: Área de lazer e brincadeira, escola A.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Imagem 17: Área de lazer e brincadeira, escola B.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Analisando todos esses espaços educativos apresentados até aqui, podemos afirmar que em algumas escolas o brincar e o aprender estão em uma via de mão única, trabalhando e sendo elaborados pelos professores de forma significativa, intencional e de qualidade. A brincadeira assume um grande papel no processo de ensino e aprendizagem, desenvolvendo inúmeras habilidades cognitivas, psicológicas, emocionais e intelectuais.

4.2 ANALISANDO OS AMBIENTES INTERNOS: BIBLIOTECAS, LABORATÓRIOS E REFEITÓRIOS

Os ambientes internos têm uma parte muito especial no currículo escolar, são espaços educativos utilizados pelos professores para ampliar o conhecimento estudado e aprendido na sala de aula pelos professores e pelas crianças. Esses espaços podem ser utilizados pelos professores para dar mais significação, possibilitando momentos de reflexão, de estudo, de análise e de um diálogo mais aberto e de interação entre as crianças.

A biblioteca escolar é um espaço rico para promover situações de aprendizagem. A leitura quando for ministrada por um adulto (hora do conto), por uma criança, seja essa leitura realizada individualmente ou coletivamente desperta a imaginação ao mundo de fantasia, de sonhos e de muito conhecimento. Para a autora Teberosky e Colomer:

O uso da biblioteca apresenta às crianças as diferentes funções do escrito em nossa sociedade. Faz com que saibam que podem utilizar os livros para adentrar em uma história, recrear-se nas palavras de um poema ou saber informações sobre a vida dos

animais. Os primeiros livros contribuem, pois, de uma maneira muito determinante, na iniciação da formação literária e pictórica e na aquisição de conhecimentos que a escola trabalha (2003, p. 162).

Pensando nas palavras das autoras, outro fato se faz muito relevante nos espaços estruturados na biblioteca escolar. Como se deve acontecer em todos os espaços presentes na escola, esses lugares devem ser aconchegantes, bem planejados, ser acessíveis ao contato e manuseio das crianças, elas devem se sentir felizes e a vontade para buscar, ler e reler os exemplares presentes na biblioteca.

Muitas propostas pedagógicas surgem quando o assunto é a leitura e a escrita, mas o fundamental antes de pensar e estruturar atividades pedagógicas é deixar com que a criança goste de ler. O professor ganha um papel fundamental nesse processo, é a partir das primeiras leituras realizadas por ele na Hora do Conto que irá despertar nas crianças o encantamento, o prazer, o curioso, o belo, a magia e tantas outras sensações que o livro pode oferecer.

O fundamental é dar tempo para que ela possa contar para os outros colegas qual foi o seu ponto de vista perante a história lida, as emoções, os conflitos e as narrativas presentes na história lida. “Valorizar os conhecimentos prévios das crianças, interessar-se pelos personagens ajudar a estabelecer conexões causais, promover a reflexão [...]” (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 176). Como já foi falado nesse trabalho, o professor precisa criar na escola um ambiente alfabetizador, um espaço escolar onde as crianças estabeleçam relações, pensem, reflitam e dialoguem com seus colegas e com o professor.

A alfabetização deve ser um processo que leve à criança a aprendizagem da escrita e da leitura, mas cabe ao educador estruturar as suas práticas para que a criança possa compreender as relações e aprender para muito além do simples codificar de decodificar as letras, os códigos e as palavras. A criança necessita saber usar diariamente em sua vida, sejam a partir da leitura de um livro de conto de fadas, de um poema, de uma notícia de jornal, de um bilhete/carta, entre outros.

Ao analisar as duas bibliotecas presentes nas escolas A e B, podemos ver que na escola A, a biblioteca escolar está em um espaço pequeno, os livros se encontram em prateleiras dispostas atrás de uma grande mesa que separa os livros do resto da biblioteca. Não possui também um tapete, nem almofadas ou algum canto de leitura para que as crianças possam ficar a vontade para ler as suas histórias, possuindo assim algumas mesas e cadeiras no centro da biblioteca. Do lado das mesas possui uma pequena estante com algumas revistas e livros (na sua maioria antiga) onde as crianças podem usar e pegar para fazer recorte.

Imagem 18: biblioteca escola 1.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Imagem 19: outro lado da biblioteca da escola A: livros.



Fonte arquivo pessoal.

Na outra escola a realidade é um pouco diferente, muito por conta de o espaço ser maior. Os livros se encontram acessíveis, há móveis adequados para diferentes idades, mas também não possui espaço organizado para ler além das mesas.

Imagem 20: escola B biblioteca.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 21: escola B biblioteca.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Nas duas escolas observadas, podemos constatar que para um trabalho pedagógico ser bem feito, ser de qualidade e alcançar as necessidades das crianças, é necessidade o planejamento e o olhar sensível do educador perante os espaços, os materiais e os objetos presentes nesses espaços. Analisando sempre, a forma como a criança irá se apropriar desse

espaço e de que maneira o educador pode potencializar e criar um espaço acolhedor, de estudo, de reflexão e diálogo. Como já foi dito anteriormente, todos os espaços são espaços educativos, podendo ser utilizados pelos professores para dar uma maior significação, qualidade pedagógica e interação entre as partes.

Outros espaços educativos são os laboratórios de informática, espaço de estudo, de troca de saber e de pesquisa. Nas imagens abaixo, podemos analisar as salas de informática presentes nas escolas, esses espaços são utilizados pelos professores para realizar diversas pesquisas, jogar online, escrever textos, entre outros. As salas de informática são espaços amplos, bem estruturados com diversos computadores, cadeiras confortáveis (estofadas e giratórias) umas são do tamanho das crianças possuindo ajustes já outras cadeiras são muito grandes para a idade das crianças e com o acesso a internet.

Podemos perceber também, que muitas são as propostas que podemos elaborar fora do contexto da sala de aula, existem muitas ferramentas e espaços pedagógicos diversificados e atraentes ao olhar infantil. As crianças são muito curiosas, inteligentes, potentes, descobridoras, mas desde que elas sejam estimuladas pelo professor. Porém, muitas vezes o professor só caracteriza como espaço de saber e construção de conhecimento a sala de aula desconhecendo das muitas possibilidades e potencialidades ao usar os diferentes espaços da escola.

Imagem 22: escola A: Sala de Informática.



Fonte: Arquivo Pessoal

Imagem 23: escola B: Sala de Informática.



Fonte: Arquivo Pessoal.

A autora Piccoli (2012, p. 83) também faz uma importante colocação, afirmando que: “As tecnologias de escrita digitais estão aí, promovendo novas formas mais flexíveis de lidar com a escrita, e a escola não pode ficar fora de algo que já está ocorrendo em muitos ambientes domésticos”. A escola deve ampliar os conhecimentos prévios trazidos pelas crianças, os avanços tecnológicos estão presentes em nossa sociedade e cabe a escola procurar meios para integrar esse processo tecnológico presente no cotidiano infantil.

A autora Ana Teberosky em uma entrevista a Revista Nova Escola, ao ser questionado sobre o uso das tecnologias para a alfabetização das crianças afirmou que:

O micro permite aprendizados interessantes. No teclado, por exemplo, estão todas as letras e símbolos que a língua oferece. Quando se ensina letra por letra, a criança acha que o alfabeto é infinito, porque aprende uma de cada vez. Com o teclado, ela tem noção de que as letras são poucas e finitas. Nas teclas elas são maiúsculas e, no monitor, minúsculas, o que obriga a realização de uma correspondência. Além disso, quando está no computador o estudante escreve com as duas mãos. Os recursos tecnológicos, no entanto, não substituem o texto manuscrito durante o processo de alfabetização, mas com certeza o complementam. Aqueles que acessam a internet leem instruções ou notícias, escrevem e-mails e usam os mecanismos de busca. Ainda não sabemos quais serão as consequências cognitivas do uso do computador, mas com certeza ele exige muito da escrita e da leitura (TEBEROSKY, 2016, p. 4).

Um dos espaços que não é pensado/utilizado pelos professores nos processos educativos é o refeitório. Esse espaço é somente caracterizado como um lugar para as crianças se alimentarem, desconhecendo práticas pedagógicas para que as crianças possam se apropriar desse espaço. Como podemos analisar nas imagens abaixo, não existem produções das crianças, nem qualquer tipo de cartaz ou de murais informativos. Sabemos que há regras

impostas pela vigilância sanitária para a organização desses espaços, mas mesmo assim, a questão pedagógica precisa se fazer presente.

Imagem 24: escola A, Refeitório



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 25: escola B, Refeitório.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Para finalizar essa discussão, podemos analisar que todos os espaços presentes nas escolas podem se tornar um ambiente alfabetizador. Esses espaços são educativos desde que o professor, a escola e a equipe diretiva compreendam a importância de todos os espaços escolares, criando e elaborando diferentes estratégias pedagógicas, caracterizando-o com isso

como um ambiente educativo. Para que isso ocorra, é necessário preencher e estruturar esses espaços com informações significativas, reconhecendo que não existe somente um espaço caracterizado, fixo e permanente para se ensinar.

Podemos criar diferentes situações de aprendizagem, valorizando as linguagens, os saberes e as necessidades das crianças. Com isso, o processo da alfabetização irá ocorrer naturalmente, não porque a criança é treinada, obrigada, ensinada tradicionalmente a ler e a escrever, mas pela necessidade da criança em se comunicar com o mundo e compreender a função da linguagem escrita na sociedade.

4.3 ESPAÇOS E TEMPOS PRESENTES NA SALA DE AULA

O professor necessita criar um ambiente que potencialize a capacidade de criação, de criatividade, de imaginação e de interação entre os grupos, sendo ele um mediador e provocador do processo educativo. Segundo Zabala (1998, p. 100):

A aprendizagem é potencializada quando convergem as condições que estimulam o trabalho e o esforço. É preciso criar um ambiente seguro e ordenado, que ofereça a todos os alunos a oportunidade de participar, num clima com multiplicidade de interações que promovam a cooperação e a coesão do grupo.

Todas as salas de aula observadas e fotografadas para a realização desse trabalho de pesquisa, possuem a mesa do professor centralizada na frente das classes das crianças, um armário nos fundos, uma televisão no canto da sala, cantos de leitura e da matemática e piso de madeira. As paredes da sala possuem os trabalhos das crianças, os cartazes confeccionados pelo professor como: o alfabeto, o calendário, o quadro dos aniversariantes, dos ajudantes, dos numerais, entre outros materiais que no decorrer desse trabalho serão avaliados e debatidos.

Mas qual a importância em pensar e organizar previamente esses espaços de modo com que eles se tornem um ambiente-alfabetizador? E a interação das crianças onde fica? O planejamento do professor? Os materiais? Os métodos? Como podemos analisar nos capítulos anteriores essas características por si só não compõem o espaço escolar, é necessário primeiramente ter a intencionalidade do professor frente à alfabetização da criança.

A escola também deve ser caracterizada como um ambiente acolhedor, capaz de instigar e interagir com as crianças frente as suas aprendizagens. O professor deve construir um ambiente motivador, gerando autoconfiança a capacidade da criança, entendendo, assim, que a alfabetização é um processo demorado, exige técnica, estudo e planejamento por parte

do professor. “Ajuda necessária, porque sem ela os alunos por si sós dificilmente conseguiram aprender, e aprender o mais significativamente possível” (ZABALA, 1998, p. 97).

Esse aprender significativamente afirmado pelo autor necessita que o professor compreenda o processo de ensino e aprendizagem de forma que a criança seja o sujeito do processo educativo. Diante disso, é importante considerar que o espaço e o tempo escolar são elementos fundamentais no desenvolvimento intelectual, psicológico e cognitivo das crianças. E a forma como o professor organiza esses espaços resultará em uma aprendizagem escolar significativa, dentro de um contexto.

O espaço escolar ganha um caráter mediador perante o ensino e a aprendizagem, a partir da qualidade do planejamento do professor. Dessa forma, ela favorece a construção de uma aprendizagem carregada de intencionalidade por trás dos ensinamentos propostos pelo educador. Outro ponto que necessita ser analisado pelo professor são os caminhos ou as estratégias pedagógicas para que as crianças possam se integrar do espaço escolar de forma com que ele se torne significativo. Segundo a autora Anelise Monteiro do Nascimento:

Faz-se necessário definir caminhos pedagógicos nos tempos e espaços da escola e da sala de aula que favoreçam o encontro da cultura infantil, valorizando as trocas entre todos os que ali estão, em que crianças possam recriar as relações da sociedade na qual estão inseridas, possam expressar suas emoções e formas de ver e de significar o mundo, espaços e tempos que favoreçam a construção da autonomia (NASCIMENTO, 2007, p. 30).

Esses tempos devem ser pensados para que a criança desenvolva a sua autonomia escolar, mas a forma como algumas salas de aula estão sendo organizadas habitualmente na rede de ensino não proporciona às crianças uma total interação entre os objetos, entre os materiais, entre as outras crianças, entre os espaços alfabetizadores.

Um espaço escolar pode se tornar um espaço ou ambiente alfabetizador dependerá da intencionalidade do professor, de criar, planejar, elaborar, pensar e refletir formas diversificadas de ensinar e de aprender. Dessa forma, o espaço deve ser compreendido também como parte integrante do currículo escolar, ele juntamente com os materiais, com os métodos, com os conteúdos formam a base do processo educativo.

Conforme a autora Álen Carla Reggiani Assis (2013, p. 8):

Uma das primeiras tarefas da escola ao construir sua proposta pedagógica é conhecer os/as educandos/as, seus tempos humanos, suas características e necessidades específicas, definindo-se, a partir daí, as condições necessárias à garantia do direito ao desenvolvimento humano em suas múltiplas dimensões, o que exige planejar a organização dos espaços da escola como ambientes formativos.

Todos os espaços escolares são espaços de aprendizagem, a sala de aula se torna um elemento central da aprendizagem, mas não isolado e tão somente ela é necessário para a aprendizagem escolar. É dentro da sala de aula que podemos observar a metodologia utilizada pela professora e quais são as suas teorias usadas para sustentar a ação cotidiana. Dentro desse espaço espera-se que as crianças aprendam, reflitam, estudem, dialogam com os seus colegas diferentes pontos de vista e interação entre si. Para a autora Horn:

O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como nós organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esses espaços e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica (2004, p. 15).

Dessa forma, a autora também destaca a pobreza nos materiais pedagógicos encontrados na sala de aula, “as cores, os aromas, os sabores” são por muitas vezes esquecidos pelo professor, são espaços muitas vezes sem sentido para a criança e que se fossem bem planejados pelos professores poderiam despertar na criança o desafio, a descoberta e a imaginação (HORN, 2004).

Acredita-se também que um ambiente alfabetizador necessita possibilitar momentos desafiadores, propondo as crianças a pensar, refletir e solucionar conflitos. Esses momentos devem ser planejados para que as crianças necessitem descobrir, pesquisar e ler para conseguir diferentes respostas e apontamentos. Segundo Luciana Piccoli e Patrícia Camini:

É preciso lançar propostas que os desafiem, de forma que possam avançar em suas hipóteses, questionando o que eles já sabem. O primeiro passo para uma criança realizar algo que ainda não é capaz de efetuar sozinha é fazê-la com auxílio de outras pessoas, seja da professora ou dos colegas. Uma decorrência disso é propor a produção de trabalhos em grupo, reunindo crianças que estão em níveis próximos de conceitualização da leitura e da escrita, de forma que elas tirem proveito de dúvidas comuns (2012, p. 47).

Pensando nisso, o professor não deve oportunizar para as crianças ensinamentos prontos e acabados (cópias de modelos) vindo muitas vezes do livro didático, das cartilhas, de folhas impressas, entre outros materiais, mas necessita criar momento de estudo integral, que possa levar a criança a refletir e elaborar diferentes respostas. As respostas não podem vir prontas e acabadas, mas devem exigir das crianças estudo, levantamento de hipóteses, traçar caminhos, desenvolver uma técnica.

Esses espaços devem ser planejados com muitos materiais e recursos pedagógicos para dar mais apoio metodológico e prático nas aulas do professor, as crianças também necessitam

se sentir parte integrante desse espaço, por isso se faz necessário pensar a forma da organização espacial da sala de aula.

Muitas vezes a forma como o professor organiza esse espaço transmite para a criança uma maior autonomia, despertando a curiosidade e a imaginação por traz dos conteúdos ensinados. As imagens abaixo nos trazem exemplos em relação à organização espacial da sala de aula, podendo assim nos mostrar qual a concepção pedagógica presente nesse espaço de formação.

Imagem 1: Escola A, sala de aula do primeiro ano do ensino fundamental



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 2: escola A, sala de aula.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Imagem 3: escola B, sala de aula do primeiro ano do ensino fundamental.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Imagem 4: escola B, sala de aula do primeiro ano do ensino fundamental.



Fonte: Arquivo Pessoal.

O que nós podemos verificar nessas quatro imagens das salas de aula do primeiro ano do ensino fundamental é que somente uma sala está organizada em agrupamento e possui móveis adequados à idade das crianças. Podemos perceber que a sala de aula de número 1 está organizada pela professora de forma com que as crianças possam conversar, trocar ideias, se

ajudar entre si nas suas dificuldades, proporcionando um espaço rico em troca de conhecimento e de interação entre eles.

Em todas as salas de aula, podemos perceber que a mesa do professor se encontra localizada na frente dos alunos e tem tamanho maior do que a das crianças, sendo o professor um ponto de referência dentro desse espaço alfabetizador. A partir das leituras e estudos realizados até aqui, pode-se entender que o professor, ao ocupar a frente do espaço, está se mostrando como detentor do conhecimento, sendo ele o sujeito principal do processo de ensino e aprendizagem. Seria interessantes que a mesa do professor pudesse estar localizada entre as crianças, facilitando assim a troca de experiências e a mediação do processo de aprendizagem.

Um ponto que precisa ser destacado nessa análise são as potencialidades por trás do espaço educativo, utilizando materiais pedagógicos que estimulem a aprendizagem da criança, o educador deve elaborar aulas dinâmicas, criativas e diferenciadas. Retomar o pensamento inicial da importância do planejamento e estudo continuado por parte do educador, tendo ele um olhar sensível às necessidades das crianças. A leitura de livros, jornais, revistas, poemas, cartas, entre outros gêneros textuais possibilita as crianças uma maior interação entre as crianças e o espaço escolar, mas é importante destacar aqui a importância da organização, da acessibilidade e autonomia das crianças perante esses materiais, necessitando estar dispostos em um local de acesso tanto para as crianças quanto para o professor.

Outros materiais como os jogos pedagógicos podem ser utilizados, a partir da concepção da autora Luciana Piccoli. Pode-se observar que os materiais pedagógicos não necessitam ser industrializados ou confeccionados pelo professor, mas sim, ser rico de conhecimentos significativos, que possam despertar na criança algo novo para a sua formação. Segundo a autora Luciana Piccoli, “Materiais visivelmente atrativos não necessariamente são sinônimos de materiais caros. Você pode confeccionar grande parte deles: estruturas resistentes e plastificadas garantem durabilidade maior, ainda que constantemente manipuladas” (2012, p. 48).

Analisando ainda os espaços das salas de aula das escolas A e B, podemos perceber que há a organização de um “canto de leitura”. Na escola A (imagem 5) podemos visualizar alguns materiais como livros infantis, já na escola B (imagem 6) o canto de leitura até existe mas não pude perceber a presença de materiais de leitura.

Dessa forma, o espaço até existe, mas não tem materiais a serem explorados pelas crianças. Os materiais pedagógicos muitas vezes encontram-se guardados em caixas, nas

prateleiras e armários. As crianças muitas vezes desconhecem da presença desses materiais, ficando restrito ao acesso da criança.

Imagem 5: “Canto de leitura”, escola A.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Imagem 6: “Canto de leitura”, escola B.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Nesse caso, nas duas escolas analisadas na imagem, percebe-se a carência de organização, de planejamento por parte do professor, na utilização de materiais diversificados e de possibilidades de interação. Muitas vezes essa carência se justifica pela falta de espaço dentro da sala de aula, como podemos analisar na imagem 6, a sala de aula é muito pequena, os materiais ficam no alto das prateleiras e guardados dentro de caixas de papelão, não tendo assim um espaço apropriado para desenvolver um canto de leitura de qualidade, com materiais e objetos físicos, como: tapetes, almofadas, colchonetes, entre outros.

Guardar os materiais pedagógicos em caixa, em instantes altas e sem acesso das crianças, como se pode perceber na imagem acima, acaba limitando a possibilidade da criança se apropriar do espaço vivido, dessa forma, a criança esta no espaço, mas pode não se sentir parte dele. Para a autora Maria da Graça Horn, “É importante considerar que o modo de organizar os materiais e colocá-los em locais ‘convitativos e acolhedores’ no espaço da sala de aula incita as crianças à interação, motivando o protagonismo infantil nas ações que se desenvolvem na sala de aula” (2004, p. 85).

Outra grande pesquisadora dessa área de educação que discute em uma de suas obras a organização do espaço escolar e dos materiais é Ana Teberosky a qual afirma que:

Em muitas salas de aula verifica-se não apenas uma escassez de material, mas também uma organização e uma posição tais que o material fica fora do alcance da criança: cartazes ou textos longe do alcance da criança, acima do quadro-negro ou do armário, que a deixam sem a possibilidade de chegar a eles por seus próprios meios. Está demonstrado que a proximidade física dos livros influi no interesse e no entusiasmo das crianças. Por isso, é importante colocar as bibliotecas, as prateleiras e os armários ao alcance da criança pré-escolar (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 110).

A leitura proporciona um momento lúdico de aprendizagem que é um momento prazeroso, na qual a criança entra em contato com um mundo de descoberta, de imaginação e fantasia. A surpresa, o mistério, o encantamento e a curiosidade são despertados ao escutar histórias infantis.

Para formarmos cidadãos críticos, inteligentes, reflexivos e investigadores, é imprescindível a leitura de diferentes gêneros textuais carregados de conhecimento e de significação. Formar leitores competentes supõe formar um aluno que compreenda o que esta sendo lido, realizando relações com os textos lidos. Segundo Teberosky (2003, p. 145):

Prover o espaço das crianças com histórias, poemas, ou livros informativos é uma condição essencial para favorecer o acesso à língua escrita e para motivar o desejo de aprender a ler. O espaço da sala de aula deve refletir essa imersão induzida do mundo da escrita, sendo atrativo e bem organizado, para que os alunos possam

movimentar-se com segurança.

As autoras Luciana Piccoli e Patrícia Camini (2012, p. 96) destacam que, “explorar a estrutura dos gêneros textuais é dar ferramentas às crianças para organizarem espacialmente suas escritas de forma adequada, de acordo com a função que necessitam que ela adquira em cada contexto”. Sendo assim, Um leitor competente só será construído se a prática pedagógica estruturada pelo professor na sala de aula permitir a análise de diferentes textos da realidade e de textos que circulam na sociedade.

Ao analisarmos também o contexto da sala de aula, não podemos esquecer as paredes da sala de aula. Elas são ótimas contadoras de histórias, mostrando as produções das crianças e seus trabalhos artísticos. Em muitas escolas podemos encontrar também, nas paredes das salas de aula decorações elaboradas pelos professores e não pelas crianças.

Antes de iniciar o ano letivo, são produzidos diferentes murais e cartazes com EVA e papel colorido. Esses materiais, de certo modo estereotipados, ilustrativos e figurativos não contam com a participação infantil, “encontrar, cotidianamente, um ambiente contextualizado possibilita que os estudantes percebam seu papel de sujeitos atuantes em seu processo de aquisição de saberes, autores de sua história, que é tecida em parceria com os colegas e educadores” (FLORES, 2013, p. 32).

Durante todo o processo de formação acadêmica, os professores de alfabetização nos ensinaram que as produções das crianças devem sempre estar expostas nas paredes da sala de aula, dando assim importância e significação ao trabalho infantil. Outro ponto que precisa ser debatido e estudado por esse trabalho é a necessidade de estimular a capacidade de criação das crianças para o autor Staccioli:

A criatividade é uma conquista que se faz ao longo do caminho, é um percurso que não acaba nunca, e que, ao mesmo tempo, encerra-se ali onde estamos. As crianças não são criativas, mas podem tornar-se, se os adultos as ajudarem a tirar a poeira das camadas de sujeira cultural e as crostas dos hábitos estereotipados (2011, p. 31).

As crianças não nascem criativas, mas elas poderão se tornar por meio das relações sociais, da interação, do uso de diferentes ferramentas pedagógicas, da apropriação dos diferentes espaços, entre outros. O adulto tem um papel fundamental nesse processo sendo por meio dele que a criança poderá ou não ampliar seu processo criador.

Na imagem abaixo, podemos analisar o contexto da sala de aula e as paredes, bem como, as produções das crianças e os materiais expostos da professora.

Imagem 7: produções das crianças, dobradura.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Imagem 8: produção das crianças, com material confeccionado pela professora.



Fonte: Arquivo pessoal.

Publicar e expor o trabalho das crianças nas paredes da sala de aula e da escola é dar significação ao trabalho infantil, a criança se reconhece como um sujeito histórico presente e

atuante desse espaço. “As paredes devem transpirar o trabalho coletivo e de cada um, para que todos do grupo acompanhem e realmente sintam-se parte do processo que ocorre, diariamente, na escola” (FLORES, 2013, p. 31).

A imagem abaixo, nos faz refletir na organização dos materiais por parte do professor, muitas vezes eles se encontram pendurados muito acima do acesso da criança.

Imagem 9: produções da professora.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Em todas as salas de aula analisadas, se destacam nas paredes as produções das professoras como calendário, mural dos aniversariantes, quadro nos numerais, alfabeto, entre outros. Todas essas produções foram confeccionadas pelo professor sem a participação das crianças. Esses materiais encontram-se expostos muitas vezes fora do alcance e do acesso das crianças e desse modo impossibilitam a interação. Esses materiais foram realizados pela professora, sendo utilizados muitas vezes somente por ela ou com a participação da criança.

Dessa forma, se destaca a necessidade de criar um ambiente onde as crianças exercem a sua responsabilidade diante dos materiais escolares, dos espaços, da organização e principalmente da autonomia e da independência da criança em relação da figura do professor. Segundo a autora Maria Isabel Leite:

A opção por guardar os materiais diversos em armários trancados, por exemplo, fala de uma distância professor-aluno; da perspectiva de criança como dependente da generosidade e dos cuidados dos adultos-provedores que a circundam; de meninas e

meninos percebidos como incapacitados de cuidar dos materiais e assumir suas formas de uso. Em contrapartida, a disponibilização de materiais em estantes abertas e baixas fala de uma ideia de criança autônoma, que faz escolhas, que sabe cuidar de si e do outro, que respeita os limites do grupo e trabalha de maneira cooperativa, na dimensão de coletividade e cidadania (LEITE, 2013, p. 25)

As diferentes escolhas realizadas pelos professores, tanto na organização quanto nas escolhas pedagógicas, não são neutras, desse modo se destaca a necessidade de pensar e organizar um espaço que leve em consideração as necessidades, a curiosidade e o interesse das crianças, realizando práticas de leitura e escrita significativas e interativas e elas.

4.4 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: JOGOS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NA SALA DE AULA

Assim como os métodos, os jogos e as estratégias pedagógicas ganham um destaque muito importante na alfabetização e letramento infantil. Muitos professores, a partir das suas convicções e métodos pedagógicos elaboram e estruturam diferentes jogos pedagógicos para “facilitar” e potencializar a aprendizagem da leitura e da escrita. Alguns teóricos falam da importância dessa ferramenta de ensino, como os autores Arlete Alves Corrêa, Ângela Meyer Borba (2007), Bartolomeu Campos de Queiroz, Junquerira Filho (2004; 2005), entre outros, que discutem ao longo de suas obras as diferentes maneiras de utilizar os jogos pedagógicos no processo educativo, bem como, a importância do planejamento, das brincadeiras e do aprender brincando.

Alguns documentos do Ministério da Educação destacam a necessidade do brincar, do jogo pedagógico como uma ferramenta rica e diversificada possibilitando assim, formas de aprender brincando.

No processo de alfabetização, por exemplo, os trava-línguas, jogos de rima, lotos com palavras, jogos da memória, palavras cruzadas, língua do pê e outras línguas que podem ser inventadas, entre outras atividades, constituem formas interessantes de aprender brincando ou de brincar aprendendo. Quantos de nós lembramos das muitas descobertas que fizemos por meio de jogos e atividades lúdicas? Se incorporarmos de forma mais efetiva a ludicidade nas nossas práticas, estaremos potencializando as possibilidades de aprender e o investimento e o prazer das crianças e dos adolescentes no processo de conhecer. E, com certeza, descobriremos também novas formas de ensinar e de aprender com as crianças e os adolescentes! (BORBA, 2007, p. 43).

Sendo assim, os jogos pedagógicos são uma ferramenta lúdica que auxiliam no desenvolvimento intelectual da criança. Os jogos potencializam a imaginação, a curiosidade, a concentração, a confiança, a socialização com os outros colegas, a comunicação e a reflexão.

Para o autor Junqueira Filho (2004), é necessário considerar as duas partes do planejamento pelo modo na qual os conteúdos são selecionados considerando a criança como um dos sujeitos da prática escolar, o primeiro sujeito é o professor, com suas crenças, hipóteses, previsões e escolhas dos conteúdos - linguagens, o segundo sujeito são as crianças, com a interação das crianças umas com as outras sejam brigando, brincando, jogando, fazendo as pazes ou não, dançando, lendo, escrevendo, recortando, etc. Segundo ele, o conteúdo é tudo o que pode ser aprendido e ensinado, já para a educação tradicional o conteúdo é visto como material escrito e memorizado.

Com isso, é importante destacar que o planejamento das aulas deve ter uma parte cheia com uma proposta de ensino da professora, composta pelo seu planejamento, pelos métodos, jogos, teorias e uma parte vazia com um espaço para as propostas dos alunos que surgem durante a aula. Para isso, devemos destacar a partir das palavras do autor que:

O que as crianças querem saber? E quando digo ‘querem saber’, não estou me referindo a caprichos, modismos, ou á volubilidade das crianças, mas a saberes que indicam desejos e necessidades das crianças, aqueles que as crianças ‘querem porque precisam’ saber mais do que quaisquer outros, em diferentes momentos do processo de produção de sua vida [...] (JUNQUEIRA, FILHO, 2005, p. 11).

Nas imagens abaixo, podemos observar que os professores das escolas pesquisadas fazem o uso de vários recursos e jogos pedagógicos. A primeira escola que vamos analisar não utiliza jogos pedagógicos, fazendo o uso de estratégias pedagógicas que ficam expostas nas paredes das escolas.

Umas das estratégias são os murais dos numerais, os números racionais, o alfabeto e o “semáforo do comportamento”. Essas ferramentas se encontram penduradas nas paredes fora do alcance das crianças. Com isso, a partir das análises de diferentes autores entendemos que muitas vezes os professores trabalham com materiais e práticas descontextualizados da vida da criança, sendo esse um ensino tradicional e insignificante ao olhar infantil.

Podemos observar também, o excesso de materiais estereotipados, com pouca produção infantil (trabalhos, desenhos, personagens infantis da mídia) e muita produção de materiais produzidos pela professora.

Imagem 26: sala de aula escola A, produção da professora.



Fonte: Arquivo pessoal.

Outro material teórico que se destaca são os textos e reflexões presentes no livro do MEC sobre a educação das crianças de seis anos, nesses artigos se destaca a necessidade de trabalhar o lúdico, a brincadeira, o jogo, a interação entre as crianças, entre as práticas pedagógicas e o professor. Com isso:

Sabemos que as crianças são muito curiosas e se envolvem com entusiasmo em situações que as desafiam a explorar os mais diferentes tipos de material de leitura; a manusear livros, jornais e revistas; a ouvir a leitura de contos, poemas, crônicas, reportagens; a brincar de ler e de escrever ou mesmo a criar e participar de jogos e brincadeiras nas quais a leitura e a escrita são objetos centrais (MONTEIRO; BATISTA, 2009, p. 40).

Pensando nisso, nós professores devemos trabalhar e elaborar nossos planos de aula a partir da curiosidade, das vivências não só da vida da criança, mas explorar aspectos desconhecidos do dia a dia infantil. Buscando desenvolver uma educação descobridora e reflexiva dos acontecimentos sociais.

Outra coisa que podemos analisar nas salas de aula da escola, é a presença do “semáforo do comportamento”. Essa estratégia pedagógica regula o comportamento, constrange muitas vezes as crianças, servindo para regular os corpos e mostrar a autoridade do professor. Na imagem abaixo, a criança tem seu nome marcado no semáforo conforme seu comportamento do mês. Sabemos que as crianças estão a todo instante agindo de maneira diferente, pois estão se apropriando do mundo, julgar o que ocorre em um mês inteiro como ruim, regular e muito bom é ajudar a rotular comportamentos que são variáveis e instáveis.

Imagem 27: semáforo do comportamento.



Fonte: Arquivo pessoal.

Segundo a autora Lúcia M. Teixeira Furlani, “Quando o professor espera um aluno submisso, que respeite a ‘autoridade’, ele privilegia como valores do disciplinamento a aceitação, a obediência, o respeito, e a dependência do aluno, assumindo a concepção de *controlador* da expressão do aluno” (FURLANI, 2004, p. 45). A autora ainda destaca, a necessidade do professor ouvir, conhecer, e entender as crianças, buscar aproveitar as experiências diárias para desenvolver os conteúdos e as situações de aprendizagem.

Portanto, devemos organizar rotinas que proporcionem à interação, a autonomia, a criatividade, o desenvolvimento intelectual, cognitivo e psicológico. Se destacando novamente a importância do planejamento, tanto dos materiais, quanto dos espaços para o desenvolvimento das atividades pedagógicas voltadas para o desenvolvimento infantil.

O conhecimento aprendido na escola não deve ser sinônimo de preparação, de memorização, de reprodução, mas sim de vida, de interação, de descobrimento, de reflexão, de acertos, mas também de erros, procurando assim na figura do professor um caráter mediador que auxiliará a criança nesse percurso de descobrir as letras, inventar as palavras e desenvolver a sua própria vida (FREIRE, 1983).

Na segunda escola analisada, se destacam a presença de jogos pedagógicos para a alfabetização infantil. As professoras utilizam para alfabetizar as crianças, o método fônico e silábico, a partir de jogos com sílabas, com o alfabeto, com as vogais, entre outros. Podemos perceber também, que a maioria dos jogos pedagógicos possui a finalidade de ensinar as

crianças a escrever e a ler, juntando as sílabas para formar as palavras. Existem também outros jogos pedagógicos como os matemáticos, para ensinar os números, a adição e a subtração.

Observando a forma como esses jogos são organizados dentro do contexto escolar. Muitas vezes eles se encontram fechados, trancados e guardados dentro de caixas de papelão, em armários e prateleiras. Com isso, as crianças não tem contato com esses materiais, sendo desenvolvidas atividades apenas quando o professor pega esses materiais para preparar uma aula “diferente”.

Outro fator que se destaca nesses materiais, é a presença dos métodos de alfabetização, como já foi dito anteriormente nesse trabalho o problema não é utilizar os métodos de alfabetização tanto o fônico quanto o silábico, o problema está, em apenas estruturar as aulas de alfabetização a partir deles, ficando assim atrelados e alienados a copiar, a memorizar, a codificar e decodificar o código escrito e falado, um ensino que acaba priorizando as técnicas necessárias ao processo e não a função social da leitura e da escrita (SOARES, 2003).

Nas imagens abaixo, estão alguns jogos pedagógicos desenvolvidos pelas professoras na alfabetização das crianças, procurando assim refletir também como esses materiais estão sendo expostos e trabalhados pelas professoras.

Imagem 28: escola B. Como estão sendo expostos os jogo?



Fonte: Arquivo Pessoal.

Nas imagens abaixo, aparecem os jogos pedagógicos elaborados pelas professoras, que ficam guardados dentro dos armários escolares e nas caixas, sendo guardados fora do alcance da criança:

Imagem 29: escola B. Jogos pedagógicos.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Sendo assim, podemos perceber com esse trabalho a importância de pensar os espaços escolares, tanto os da sala de aula como os outros espaços educativos mostrados até aqui e discutidos a partir de pressupostos teóricos. Percebe-se também a necessidade do comprometimento do professor, do seu estudo, da formação continuada, da análise de diferentes teóricos e métodos de alfabetização.

Quando o professor organiza os espaços e escolhe os materiais de forma interativa e significativa procurando a participação das crianças e o desenvolvimento imaginação, da criatividade, da escolha, do erro/acerto esta oportunizando meios para que a criança se alfabetize, se desenvolva como um sujeito criador e não como um mero espectador, reproduzindo conhecimentos ultrapassados e pensados por outros sujeitos. Para Zabalza:

Para uma adequada organização do espaço da sala de aula e um projeto ideal do ambiente de aprendizagem, é fundamental que o professor (a) exerça um papel ativo em todo o processo que envolve a organização e que começa com a concretização das intenções educativas e do método ou métodos de trabalho que irá utilizar (trabalho por cantos, por oficinas, unidade didáticas, projetos de trabalho, etc), já que isto irá incidir diretamente na tomada de decisões para o planejamento e a posterior organização do espaço (1998, p. 261).

Portanto, podemos compreender a partir dessa pesquisa que a organização e o planejamento se voltam ao trabalho pedagógico como ferramentas essenciais para o desenvolvimento e a potencialização da alfabetização, buscando assim uma educação que vá além dos métodos, da forma tradicionalista de ver e conceber a infância, a criança, a escola, as interações e a aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em considerações todos os aspectos estudados e pesquisados para a realização desse trabalho, tivemos como objetivo realizar algumas reflexões acerca dos espaços escolares e a sua importância para o processo de alfabetização e letramento. Propósito essa que possibilitou, assim, fazer algumas considerações a partir da importância da organização dos espaços escolares, do planejamento do professor, dos seus métodos de alfabetização, das práticas pedagógicas e, principalmente, pensar sobre a criança sobre as suas necessidades de aprendizagem.

É necessário partir do princípio que a alfabetização vai muito além do simples processo de codificar e decodificar as letras. A partir das reflexões desenvolvidas neste trabalho, compreende-se que a alfabetização precisa permitir desenvolver os aspectos do letramento, propiciando um processo que a criança irá aprender dentro de contextos reais e significativos.

A alfabetização proposta dentro de um método tradicional engessa os corpos e aliena o pensamento e a sua capacidade de imaginação e criação. Esse tipo de educação é fundamentado na memorização. Aos alunos é destinada a função de copiar, reproduzir, decorar os conteúdos, já estruturados dentro do processo educativo. Neste sentido, essa pesquisa surgiu da inquietação da acadêmica de estudar práticas pedagógicas que vão além dos métodos tradicionais, propondo discussões entre a teoria (autores) e a prática (analisar as diferentes realidades presentes nos espaços escolares).

Outro fator determinante para a realização desse tema de pesquisa foi a pouca discussão sobre a organização dos espaços escolares e a sua importância para a alfabetização e letramento. No curso de Pedagogia, algumas disciplinas trabalharam com a conceituação do espaço escolar, apenas para a etapa da Educação Infantil, esquecendo-se com isso, de discutir meios e formas de organizar e planejar os espaços escolares para o desenvolvimento das demais etapas da educação básica.

Por meio da seleção de alguns teóricos, podemos analisar o quanto o trabalho pedagógico é essencial para o desenvolvimento infantil, caracterizando o espaço escolar como um fator determinante para a alfabetização e letramento, bem como a sua organização e planejamento por parte do educador frente a esses espaços escolares.

Através das imagens que foram registradas dos diferentes espaços escolares, podemos analisar as diferentes rotinas; os diferentes planejamentos pedagógicos, a organização das

classes, dos armários, dos jogos pedagógicos, dos trabalhos infantis, dos materiais, dos cantos de leitura e de matemática; da biblioteca; do refeitório; parquinho das escolas, a sala de informática, entre outros locais que mostram a apropriação e o uso desses espaços pelas crianças.

Assim, percebeu-se que as crianças muitas vezes não se apropriam de todos os espaços presentes nas escolas, ficando muitas vezes atreladas apenas a sala de aula, outros porém, não conseguem nem se apropriar do espaço da sala de aula, pois nele há apenas trabalhos realizados pelas professoras, com desenhos estereotipados e fora do contexto infantil, o que acaba dificultando a leitura e a utilização. A escola muitas vezes, a partir dessas práticas pedagógicas tradicionais, acaba afastando as crianças, engessando os corpos e o pensamento para além de um simples espaço físico.

Para além disso, é necessário realizar uma alfabetização libertadora, construindo junto com a criança um ambiente alfabetizador, potente em conhecimento, reflexão e estudo de coisas novas, de aprendizagens significativas e construídas com ela (interativa) e não para ela (pronto e elaborado pela professora, “modelos”).

Percebe-se que as crianças muitas vezes são levadas para esses estereótipos, para esses modelos, para essa alfabetização centrada na memorização das letras, na repetição das palavras, de folhas impressas, com atividades de preencher e copiar. Todas essas propostas estão presentes em uma alfabetização construída por modelos prontos e conhecimentos vazios (nada novo) e acabados. Nega-se com isso a interação entre as crianças, a bagagem cultural, o conhecimento significativo, o dia a dia infantil, as experiências, o protagonismo e o uso da alfabetização na sociedade/letramento.

Nesse sentido, identifico que a organização das classes, dos materiais e dos jogos educativos/pedagógicos, dos trabalhos realizados pelas crianças, da apropriação das crianças com os outros espaços escolares, da elaboração dos cantos da leitura e da matemática (pouca presença de cantos), visualiza-se o quanto as crianças estão presentes, mas não se fazem presentes, atuantes e sujeitos ativos do processo educativo. Desse modo, ao analisar essas realidades presentes no meio escolar, busco contribuir a partir das discussões teóricas, destacando as múltiplas possibilidades educativas que podemos realizar nos espaços escolares como potencializadores do processo de alfabetização e letramento.

A partir dos argumentos expostos, pretendo demonstrar o quanto os espaços escolares podem ou não se tornar ambientes alfabetizadores, carregados de singularidade, de senso ético, estético, de criação, de imaginação e criatividade, mas isso só será possível se o professor conceber a criança como um sujeito ativo presente no processo educativo. Os

espaços escolares podem ser modificados, os cantos de leitura e matemática podem ser planejados em vários espaços, com inúmeros materiais de leitura, de escrita e de jogos. Para isso, a formação do professor e sua especialização ao longo da carreira do magistério (formação continuada), se tornam fundamentais quando se pensa na organização dos espaços educativos para a interação infantil e para a mudança nas concepções educacionais.

Por fim, no que diz respeito às contribuições, acredito que o material produzido por essa pesquisa, bem como as análises e proposições realizadas em todo esse trabalho, demonstram a importância e as potencialidades que a organização dos espaços educativos escolares proporciona para a alfabetização, atuando como um educador em potência.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Eliana B. Correia de. **Conceituando alfabetização e letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ASSIS, Álen Carla Reggiani. **Espaço escolar como lugar privilegiado de formação da infância**. TV Escola, 2013.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Práticas cotidianas na educação infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares**. Brasília: MEC, 2009.
- BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. A criança no ciclo de alfabetização. Caderno 02. Brasília: MEC, SEB, 2015.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010..
- FERREIRA, Valéria Silva (Org.) **Infância e linguagem escrita: práticas docentes**. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2007.
- FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FLORES, Célia Lucia Baptista. **Refletindo sobre “as paredes” nas escolas**. TV Escola, abril, 2013.
- FRADE, Isabel C. Alves da Silva. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos de alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais**. v.32 Santa Maria: 2007.
- FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. **Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso?** 8. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2004.
- GOMES, Maria de Fátima Cardoso. **Dificuldades de aprendizagem na alfabetização**. Coordenadores da Coleção CEALE/FaE – UFMG: Autentica, 2001.
- HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JUNQUEIRA-FILHO, Gabriel de Andrade. **Seleção e articulação de conteúdos em Educação Infantil no Brasil:** da negação a busca da produção de sentido. Ciências e Letras, Porto Alegre, n.36, p.105-127, jul./dez.2004.

JUNQUEIRA-FILHO, Gabriel de Andrade. Conteúdos-linguagens e linguagens geradoras. In.:____. **Linguagens Geradoras:** seleção e articulação de conteúdos em educação infantil. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

LEITE, Maria Isabel. **O ambiente formativo no Ciclo de Alfabetização.** TV Escola, abril, 2013.

LOPES, Karina Rizek. MENDES, Roseana Pereira. FARIA, Vitória Líbia Barreto de. **Livro de estudo: Módulo III.** Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006.

LUDKE, Menga; ANDRE, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo, SP: E.P.U., 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 32. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MONTEIRO, Sara Mourão; Baptista, Mônica Correia. **Dimensões da proposta pedagógica para o ensino da Linguagem Escrita em classes de crianças de seis anos.** Belo Horizonte: UFMG/FaE/CEALE, 2009.

MORAIS, Georgyanna Andréa Silva. **Alfabetizar letrando:** desafios da prática pedagógica alfabetizadora. Caxias do Sul: 2010.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Cartilha de alfabetização e cultura escolar:** Um pacto secular. Campinas: Cadernos Cedes, ano XX, novembro/2000.

NASCIMENTO, Anelise Monteiro do. **A infância na escola e na vida:** uma relação fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
PICCOLI, Luciana. CAMINI, Patrícia. **Práticas pedagógicas em alfabetização:** espaço, tempo e corporeidade. Erechim: Edelbra, 2012.

RIBEIRO, Solange Lucas. **Espaço escolar:** um elemento (in) visível no currículo. Feira de Santana: Sitientibus, 2004.

SANTOS, Carmi Ferraz. **Alfabetização e escolarização:** a instituição do letramento escolar. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SCHWARTZ, Suzana. **Inquietudes Pedagógicas da Prática Docente.** Brasil: Vozes, 2016.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamente. **A criança na fase inicial da escrita:** a alfabetização como processo discursivo. 13.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização.** v.9. n.52. UFMG: Presença pedagógica, jul./ago. 2003.

SOUZA, Flavia Burdzinski de. **Significação conceitual na alfabetização escolar:** um trabalho com projetos no primeiro ano do ensino fundamental. Ijuí: 2012. Dissertação apresentada no programa de mestrado em Educação das Ciências, pela Universidade Regional do Nordeste do Rio Grande do Sul (Campus Ijuí e Santa Rosa).

STACCIOLI, Gianfranco. **As di-versões visíveis nas imagens infantis.** v. 22, Campinas: Pró – Posições, maio/ago. 2011.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever:** uma proposta construtivista. Porto Alegre, RS: Artmed, 2003.

TEBEROSKY, Ana. Entrevista: **Debater e opinar estimulam a leitura e a escrita.** Nova Escola, 29 de Agosto de 2016. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/251/ana-teberosky-debater-e-opinar-estimulam-a-leitura-e-a-escrita>. Acesso em: 27/10/2017.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZABALZA, Miguel Angel. **Qualidade em educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE

DECLARAÇÃO

Eu, _____,
_____(nacionalidade), _____ (estado civil),
portador (a) da Cédula de Identidade RG nº _____, inscrito(a) no CPF
sob o nº _____, **RESPONSÁVEL** pela instituição
_____ autorizo o uso das Imagens dos
espaços e materiais educativos da escola(fotos) produzidas pela acadêmica Letícia Suélen
Adrichen Massmann com o fim específico de publicação de conteúdo pedagógico (incluindo a
organização de relatórios específicos de trabalhos de conclusão de curso), sem qualquer ônus
para a instituição e em caráter definitivo.

Número de telefone fixo/celular: _____ / _____

Assinatura e carimbo da diretora ou responsável

08 de novembro de 2017

Acadêmica: Letícia Suélen Adrichen Massmann

CARTA DE APRESENTAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

UFS - Campus Erechim

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Erechim, 20 de agosto de 2017.

Assunto: Trabalho de campo de iniciação científica

1. Apresentamos a estudante Letícia Suélen Adrichen Massmann, regularmente matriculada no curso de Licenciatura em Pedagogia desta universidade, que está desenvolvendo um projeto de pesquisa sobre *O espaço alfabetizador: a organização dos espaços escolares em um município do alto Uruguai*, orientada pela Prof^ª Prof. Ma Flávia Burdzinski de Souza.

3. Neste sentido, solicitamos sua colaboração para que o trabalho de pesquisa possa ser efetivado, tendo em vista os critérios éticos que orientam a produção do conhecimento científico pelos quais nos responsabilizamos.

Desde já, agradecemos a colaboração e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

Prof^ª Me. Zoraia Aguiar Bittencourt

Professora Disciplina *Trabalho de Conclusão de Curso II*.